

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem



Dissertação de Mestrado

TV INES:
O protagonismo surdo na produção de conteúdo audiovisual que promove
informação, cultura e língua

Yéssica Lopes Da Silva

Pelotas/RS
2018

Yéssica Lopes da Silva

**TV INES:
O protagonismo surdo na produção de conteúdo audiovisual que promove
informação, cultura e língua**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre. Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Estudos da Linguagem.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Tatiana Lebedeff
- UFPel

**Pelotas/RS
2018**

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S586t Silva, Yéssica Lopes da

TV Ines : o protagonismo surdo na produção de conteúdo audiovisual que promove informação, cultura e língua / Yéssica Lopes da Silva ; Tatiana Bolivar Lebedeff, orientadora. — Pelotas, 2018.

105 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Tv Ines. 2. Surdez. 3. Língua Brasileira de Sinais. 4. Comunicação. 5. Web tv. I. Lebedeff, Tatiana Bolivar, orient. II. Título.

CDD : 419

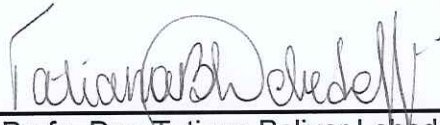
Yéssica Lopes da Silva

**TV INES: O PROTAGONISMO SURDO NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO
AUDIOVISUAL QUE PROMOVE INFORMAÇÃO, CULTURA E LÍNGUA**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

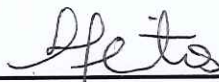
20 de fevereiro de 2018

Banca examinadora:



Profa. Dra. Tatiana Bolivar Lebedeff
Orientadora/Presidente da Banca

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Profa. Dra. Leticia Fonseca Richthofen de Freitas
Membro da Banca

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Profa. Dra. Michele Negrini
Membro da Banca

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal da Bahia

A minha mãe, pelo apoio diário (e incondicional) e por acompanhar de perto essa e tantas outras jornadas, me mostrando a dor e a beleza de se ser mulher, guerreira e exemplo, nesse país injusto que desvaloriza a educação.

Agradecimentos

Depois de todas essas páginas, me faltam palavras e me sobra medo de, por descuido, deixar de citar alguém que tenha participado desta caminhada. De qualquer forma, não poderia deixar de, primeiro, agradecer a minha família por, de perto ou longe, me acompanhar e, tantas e tantas vezes, compreender minha ausência e meu mau-humor frente às batalhas. Depois, e não em menor grau, à comunidade surda por me acolher e deixar eu tentar compreender um pouco desse universo, mesmo sendo ouvinte (em especial aos meus tios surdos e as minhas primas codas que muito me inspiram).

Impossível também deixar de agradecer a minha orientadora, Tatiana Lebedeff, que me tratou como filha e entendeu a realidade de quem vive e trabalha em outra cidade, num ritmo frenético. Obrigada por me acalmar e dizer, de certa forma, “vamos juntas”.

Agradeço imensamente também às equipes do Instituto Nacional de Educação de Surdos e da TV Ines - em especial à Cristiane Taveira e ao Alexandre Rosado, que não mediram esforços para que eu pudesse obter os dados desta pesquisa in loco.

A todos os professores e professoras deste Curso de Mestrado, obrigada por aceitarem uma estrangeira e terem a paciência necessária para que eu pudesse, como jornalista, adentrar no universo da Linguística e das salas de aulas.

Aos meus amigos e colegas de trabalho da RBS TV Rio Grande, pelos incontáveis abraços e por aguentarem a minha rabugice e cansaço - em especial ao meu coordenador Mauricio Gasparetto, por conciliar horários para que eu pudesse concluir esta etapa.

Aos meus amigos e amigas próximos, por não desistirem de mim quando precisei faltar a todo e qualquer encontro.

Por fim, à banca que me ajudou a construir essa história e me preencheu de referências que, sozinha, jamais seria capaz de reunir.

Sem esquecer, é claro, desta grande energia, que outros tantos chamam de Deus, capaz de proteger e auxiliar a encaminhar o meu caminho. Obrigada.

Resumo

SILVA, Yéssica Lopes da. **TV INES: O protagonismo surdo na produção de conteúdo audiovisual que promove informação, cultura e língua.** Mestrado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2017.

Este trabalho tem como objetivo principal buscar compreender como são elaborados os programas e os conteúdos audiovisuais pensados e executados pela TV Ines, uma Web TV estatal aberta, vinculada ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), autarquia do MEC, cujo material é produzido em parceria com a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP). Busca-se, também, problematizar o papel da comunidade surda brasileira no processo de escolha, criação e apresentação de tais materiais, veiculados em Língua Brasileira de Sinais e, simultaneamente, com tradução em áudio e legendas em Língua Portuguesa. Sobre a metodologia, foram realizadas visitas técnicas e entrevistas, compostas por tópicos previamente elaborados, mas deixando os entrevistados livres para falar sobre o tema. A pesquisadora é caracterizada como não-participante, visto que investiga como espectadora o meio onde as produções são idealizadas e executadas, sem interferência no funcionamento do objeto de pesquisa – característica de estudos exploratórios. As categorias organizadas a partir da análise do objeto, bem como o uso de conceitos como Modos de Endereçamento, evidenciam a importância do protagonismo surdo e a sua efetiva participação na criação e geração de programas através da TV Ines, tendo em vista que tal minoria linguística é público-alvo dessa Web TV, mesmo que o conteúdo audiovisual disponibilizado na internet seja bilíngue e acessível, também, a ouvintes. A fundamentação teórica deste trabalho apoia-se na relevância da produção e do compartilhamento de conteúdos em Libras, tendo como referência principal autores que estudam a Língua Brasileira de Sinais e a cultura surda.

Palavras-Chave: TV Ines; Surdez; Língua Brasileira de Sinais; Comunicação; Web TV.

Abstract

SILVA, Yéssica Lopes da. **TV INES: Deaf protagonism in the production of audiovisual content that promotes information, culture and language.** Master in Literature. Post-Graduation Program in Letters. Federal University of Pelotas. Pelotas, 2017.

The main objective of this work is to comprehend of how the programs and audiovisual contents are conceived and executed by TV Ines, an open state TV Web, associated to the National Institute of Education of the Deaf (Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES), an autarchy of MEC, whose material is produced in partnership with the Roquette Pinto Educational Communication Association (Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto - ACERP). It is also sought to question the role of the Brazilian deaf community in the process of choosing, creating and exhibiting such materials, broadcast in Brazilian Sign Language and simultaneously with audio translation and Portuguese language subtitles. About the methodology, technical visits and interviews were made, consisting of topics previously developed, but leaving the interviewees free to talk about the topic. The researcher is characterized as non-participant. She investigates as a spectator of the environment where the productions are idealized and executed, without her interference in the operation of the research object - characteristic of exploratory studies. The organized categories from the analysis of the object, as well as the use of concepts such as Addressing Modes, highlight the importance of the main role of the deaf and its effective participation in the creation and development of programs through TV Ines. Since this linguistic minority is the target audience for this Web TV, even if the audiovisual content made available on the Internet is bilingual and accessible to listeners alike. The theoretical basis of this work is based on the magnitude of the production and the sharing of contents in Libras, having as main allusion authors who study the Brazilian Language of Signs and the deaf culture.

Keywords: TV Ines; Deafness; Sign Language; Communication; Web TV.

Listas de Figuras

Figura 1	Fachada do prédio principal do Ines	29
Figura 2	Esculturas do Ines	29
Figura 3	Capela Ines.....	30
Figura 4	Área Saúde Ines	30
Figura 5	Fotos corredores Ines	31
Figura 6	Porta Laboratório Ines	31
Figura 7	Estúdio Laboratório Ines.....	31
Figura 8	Edição Laboratório Ines.....	32
Figura 9	Projetos no corredores Ines.....	32
Figura 10	Porta Neo Ines.....	33
Figura 11	Estúdio Neo Ines.....	33
Figura 12	Edição Neo Ines	33
Figura 13	Pavilhão Saul Borges Carneiro – Ines	34
Figura 14	Pátio Ines	34
Figura 15	Refeitório Ines	35
Figura 16	Sedin Ines.....	35
Figura 17	CAAF Ines	36
Figura 18	Audiologia Ines.....	36
Figura 19	Porta Diepro Ines	37
Figura 20	Interior Diepro Ines.....	37
Figura 21	Fachada Acerp	44
Figura 22	Fachada Acerp	44
Figura 23	Corredor TV Ines	45
Figura 24	Redação TV Ines.....	45
Figura 25	Corredor TV Ines	45
Figura 26	Espaço de Edição TV Ines	46
Figura 27	Espaço de Edição TV Ines	46
Figura 28	Estúdio TV Ines	46
Figura 29	Espaço de Sonorização TV Ines	47
Figura 30	Espaço de Sonorização TV Ines	47
Figura 31	Camarim Acerp.....	47
Figura 32	Camarim Acerp.....	48

Figura 33	Espaço legendagem Acerp.....	48
Figura 34	Espaço legendagem Acerp.....	49
Figura 35	Print Página Inicial TV Ines	49
Figura 36	Frame As Chaves de Mardum – A Guitarra Quebrada.....	55
Figura 37	Frame Brasil Eleitor – Edição 636	56
Figura 38	Frame Dr. ânimo – Galinha	56
Figura 39	Frame Honziq e Samuel – Episódio 13	57
Figura 40	Frame Interesse Público – Edição 606.....	58
Figura 41	Frame Momento Ambiental – Edição 72	58
Figura 42	Frame Salto para o Fututo – Gestão de Carreiras	59
Figura 43	Frame Via Legal – Edição 744	60
Figura 44	Frame Visual– 14/09/16	60
Figura 45	Frame Visual– 14/09/16	61
Figura 46	Frame Ligado em Saúde – Episódio 26.....	62
Figura 47	Frame Ligado em Saúde – Episódio 26.....	63
Figura 48	Frame Ligado em Saúde – Episódio 26.....	66
Figura 49	Frame Louca OlimPiada – Natação.....	67
Figura 50	Frame Comédia da Vida Surda – Aeroporto	68
Figura 51	Frame Tecnologia em Libras – Céu de Drones	68
Figura 52	Frame Tecnologia em Libras – Céu de Drones	69
Figura 53	Frame Panorama Visual - IDH – Índice de Desenvolvimento Humano	69
Figura 54	Frame Panorama Visual - IDH – Índice de Desenvolvimento Humano	70
Figura 55	Frame Panorama Visual - IDH – Índice de Desenvolvimento Humano	70
Figura 56	Frame Panorama Visual - IDH – Índice de Desenvolvimento Humano	71
Figura 57	Frame Super Ação – Surfe Surdos.....	71
Figura 58	Frame Super Ação – Surfe Surdos.....	72
Figura 59	Frame Café com Pimenta – Leonardo Castilho.....	73
Figura 60	Frame Um Dia – Renan Aprígio.....	73
Figura 61	Frame O Que Me Faz Bem – Jhonny Souza.....	74
Figura 62	Frame Gera Mundos – Descoberta	76
Figura 63	Frame Gera Mundos – Descoberta	76
Figura 64	Frame Gera Mundos – Descoberta	77
Figura 65	Frame Gera Mundos – Descoberta	79
Figura 66	A História das Coisas – Pizza.....	80

Figura 67	A Vida em Libras – Especial Aedes Aegypti	81
Figura 68	A Vida em Libras – Especial Aedes Aegypti	81
Figura 69	Cinemão – A Ciência do Bem e do Mal	82
Figura 70	Cinemão – A Ciência do Bem e do Mal	83
Figura 71	Piada em Libras – Corrida	83
Figura 72	Piada em Libras – Corrida	84
Figura 73	Manuário – E. Huet.....	84
Figura 74	Manuário – E. Huet.....	85
Figura 75	Contaçon de Histórias – Zeus	85
Figura 76	Centro de Apoio aos Surdos – Região Sul	86
Figura 77	Centro de Apoio aos Surdos – Região Sul	86
Figura 78	Diário de Bel – Família.....	87
Figura 79	Diário de Bel – Família.....	87
Figura 80	Diário de Bel – Família.....	87
Figura 81	Baú do Tito – Viagem Espacial	88
Figura 82	Baú do Tito – Viagem Espacial	88
Figura 83	Aula de Libras – Animais e Classificadores.....	89
Figura 84	Aula de Libras – Animais e Classificadores.....	90
Figura 85	Aula de Libras – Animais e Classificadores.....	90
Figura 86	Aula de Libras – Animais e Classificadores.....	91
Figura 87	Gravação Primeira Mão	93
Figura 88	Frame Vinheta Boletim – Primeira Mão	94
Figura 89	Print Página Inicial TV Ines	95
Figura 90	Boletim – Surdo Olimpíada.....	96

Sumário

1	Introdução	12
	Metodologia	19
2	O surdo e a experiência visual	25
2.1	O Instituto Nacional de Educação de Surdos	28
3	A TV como meio de comunicação.....	38
3.1	A TV na Web.....	40
4	Caracterizando a TV Ines	44
4.1	Programas.....	52
4.1.1	Tradução e acessibilidade.....	54
4.1.1.1	As Chaves de Mardum	54
4.1.1.2	Brasil Eleitor.....	55
4.1.1.3	Dr. Ânimo	56
4.1.1.4	Honziq e Samuel.....	57
4.1.1.5	Interesse Público	57
4.1.1.6	Momento Ambiental	58
4.1.1.7	Salto para o Futuro	59
4.1.1.8	Via Legal.....	59
4.1.1.9	Visual.....	60
4.1.1.10	Ligado em Saúde	61
4.1.2	Produção de conteúdos ligados à cultura surda.....	66
4.1.2.1	A Louca OlimPiada.....	67
4.1.2.2	Comédia da Vida Surda	67
4.1.2.3	Tecnologia em Libras	68
4.1.2.4	Panorama Visual.....	69
4.1.2.5	Super Ação.....	71
4.1.2.6	Café com Pimenta	72
4.1.2.7	Um Dia	73
4.1.2.8	O Que Me Faz Bem.....	74
4.1.2.9	Gera Mundos.....	74
4.1.3	Cunho educativo e pedagógico.....	79
4.1.3.1	A História das Coisas.....	80
4.1.3.2	A Vida em Libras	81

4.1.3.3	Cinemão	82
4.1.3.4	Piadas em Libras	83
4.1.3.5	Manuário	84
4.1.3.6	Contação de Histórias	85
4.1.3.7	Centro de Apoio aos Surdos	85
4.1.3.8	Diário de Bel	86
4.1.3.9	Baú do Tito	88
4.1.3.10	Aula de Libras	89
4.1.4	Transcende a grade bilíngue – Boletim – Primeira Mão.....	92
5	Considerações finais.....	98
	Referências bibliográficas	102

1 Introdução

Pensar em meios de comunicação é refletir sobre a cultura das sociedades. Os veículos de comunicação de massa, em especial a televisão, fazem parte do cotidiano de grande parte dos indivíduos. De forma intensa, a mídia tem um papel social, cultural e político na construção dos sujeitos e de suas subjetividades. Ela participa ativamente desse processo ao produzir e reproduzir significados e saberes. No entanto, no Brasil, a maioria desses veículos é pensada por e para ouvintes da Língua Portuguesa, deixando, incontáveis vezes, de comunicar e de se fazer entender por minorias linguísticas, como os surdos. Considera-se surda, neste trabalho, a pessoa “que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (BRASIL, 2005, Art. 2º).

Como jornalista, vivo na busca incansável por uma comunicação acessível não somente a grandes massas, mas também a minorias. E falar em minorias é trazer à tona discussões sobre acessibilidade. No entanto, vale ressaltar que meu interesse pela cultura surda não é gratuito e antecede o meu ingresso no Curso de Jornalismo, pois surgiu na minha adolescência, quando passei a conviver com mais frequência com um casal de tios surdos. Inúmeras vezes observei a maneira como assistiam aos telejornais e, mesmo com o auxílio do Closed Caption, faziam perguntas às suas filhas, minhas primas ouvintes, fluentes em Libras. A partir daí, compreendi que a Língua Portuguesa não era a Língua deles e que a televisão brasileira ainda tinha muito a avançar nesse cenário. Ao entrar na faculdade, acabei questionando a forma como trabalhávamos em relação ao conteúdo audiovisual. Alguns anos depois, meu tio comentou que gostou das cores de um programa que eu apresentava e percebi que o conteúdo não era acessível e que, apesar de entreter, não informava a comunidade surda, já que além de não ter o recurso Closed Caption, não tinha interpretação para a Língua Brasileira de Sinais. Comecei, então, a procurar e veicular materiais que não apresentavam uma língua específica, como as animações, por exemplo.

Nesse contexto, passei a estudar mais o assunto a fim de tentar compreender como funcionavam os processos de inclusão nos meios de comunicação e de que forma o surdo era visto como telespectador ou cidadão que busca informação e cultura, assim como os ouvintes.

De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, as pessoas com deficiência:

[...] tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhes garantido o acesso: (...) II – a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais e desportivas em formato acessível (BRASIL, Lei nº 13.146, capítulo IX).

No caso do sujeito surdo, na lei, isso implica em legendagem e tradução e interpretação em Libras nos serviços de radiodifusão de sons e imagens – o que muitas vezes não acontece ou é realizado de forma deficitária.

Nesse contexto, ressalta-se a importância da presença do intérprete de Libras em tais serviços, especialmente em programas televisivos, considerando que a Língua de Sinais é a língua de opção dessa minoria linguística. Apesar de se constatar a presença de intérpretes no Brasil por volta dos anos 80, através de encontros propostos pelos surdos, somente em 24 de abril de 2002, uma lei federal foi homologada, considerando a Libras como uma língua reconhecida legalmente da comunidade surda no país. Essa lei representou um avanço notório no processo de reconhecimento da formação de profissionais voltados à interpretação e tradução.

Art. 1º - É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002, p. 1).

A tradução simultânea realizada por intérpretes de Libras envolve um processo onde tais profissionais estão diante dos telespectadores, estabelecendo uma interação comunicativa que vai além da tradução, pois envolve questões sociais e culturais dos dois indivíduos. O intérprete tem a responsabilidade de processar a informação que lhe é passada pela língua oral para a língua de sinais, de forma que suas escolhas (lexicais, estruturais e semânticas, por exemplo) aproximem-se ao máximo da informação repassada pela fonte aos surdos (QUADROS, 2004).

E, embora extremamente relevante, esse tipo de serviço de tradução e interpretação dificilmente é encontrado na mídia brasileira. A maioria dos meios de comunicação tradicionais no país como o rádio, o jornal impresso e a televisão são veiculados em Português, sem demonstrar preocupação em tornar o conteúdo acessível a surdos através da Língua Brasileira de Sinais e, tampouco, possuem a presença de intérpretes em suas equipes

de produção e veiculação de conteúdo. Consequentemente, os surdos enfrentam muitos desafios na busca por informação e entretenimento, nos veículos de comunicação do país.

Assim como nesses meios, no âmbito científico ainda são poucos os estudos sobre análises e possibilidades de uma forma de comunicar, na mídia, capaz não só de atender a comunidade surda, mas também promover sua língua de opção e cultura. Estudar temas como esse, requer desafiar-se, propor debates e questionar meios tradicionais e limitados no que se refere a sua acessibilidade. Mostra-se, portanto, extremamente necessário fomentar discussões na área da surdez, bem como sobre o papel dos meios de comunicação e dos comunicadores, para que novas formas de propagar cultura e conhecimento possam ser disseminadas a um maior número de diferentes públicos.

Ao observar as emissoras de televisão no Brasil é possível concluir que, em quase sua totalidade, elas pensam e produzem a sua programação em um formato audiovisual que privilegia aqueles que ouvem e têm como sua língua de opção, o Português. Frente a esse tipo de produção, a veiculação de mensagens aos surdos é repleta de ruídos - seja pelo surdo em questão não ser fluente na Língua Portuguesa e não conseguir fazer a leitura labial, ou ainda, considerando que a linguagem da TV alia áudio e imagem, o surdo não tem acesso visual ao que está sendo dito oralmente. Em alguns casos, os surdos conseguem compreender uma pequena parcela do que está sendo veiculado e, em outros, a mensagem não é compreendida de nenhuma forma por eles. Mesmo com o advento de inúmeras tecnologias que trazem à tona a discussão de acessibilidade nos meios de comunicação, tal discussão não costuma ser prioridade em grandes veículos.

No caso da legenda fechada (ou Closed Caption) por exemplo, presente em diversos programas em canais de televisão brasileiros, sua apresentação “é escrita em letras brancas, em caixa alta ou baixa, sobre tarja preta. O acesso ficará a critério do telespectador através de um decodificador de legenda (tecla Closed caption) localizado (quando disponível) no controle remoto do aparelho de televisão” (ARAÚJO, 2002, p. 2). Apesar de servir como recurso de acessibilidade, tal ferramenta desconsidera surdos que não são alfabetizados na Língua Portuguesa e, portanto, não é considerada a melhor estratégia para fazer com que a comunidade surda receba a mensagem de forma completa.

É preciso entender e respeitar que a língua da comunidade surda no Brasil é a Língua Brasileira de Sinais e, portanto, a legenda em Português não dá conta de transmitir as mensagens repassadas pela televisão brasileira. Além disso, é preciso refletir que uma cultura se propaga na e através de sua língua e para que um meio de comunicação informe e proporcione momentos de lazer aos diversos públicos, ele precisa considerar tais fatores

culturais, a fim de atender às minorias linguísticas. Assim como a problemática dos surdos, outros exemplos de veículos passaram a emergir justamente dessa carência em propagar a língua e a cultura de determinado grupo. É o caso de rádios alternativas¹ criadas para atender as necessidades culturais indígenas, por exemplo.

Nesse contexto, a internet tem papel importante na transmissão de mensagens aos mais diversos públicos. Aliada à necessidade que o homem possui de se comunicar, pode servir de ferramenta essencial na propagação de informações – do entretenimento à notícia. Ela proporciona a disseminação de diferentes línguas e linguagens e, portanto, integra-se e adapta-se a diferentes grupos e tempos. Apesar da maioria dos grandes veículos de comunicação no país ter seus próprios portais na internet para disseminar informações, tais veículos priorizam a Língua Portuguesa e não apresentam dispositivos de acessibilidade e tradução para surdos. Por outro lado, algumas TVs universitárias buscaram cumprir esse papel na web como, por exemplo, a Universidade Federal do Pampa com o seu webjornal Pampa News².

Partindo desse cenário de restritas propostas de comunicação acessível no Brasil, os surdos sentiram a necessidade de propagar a sua cultura e, com o auxílio da tecnologia, também buscaram ferramentas para se comunicar. Por expressarem-se através de uma língua visual-motora, decidiram apostar em um modelo de TV e associá-la à internet, a fim de aumentar a abrangência de tal mídia e torná-la uma importante ferramenta capaz de abranger novos públicos e minorias. A TV Ines surge, então, como uma possibilidade de romper

¹ Mesmo não sendo o foco deste trabalho, é importante conhecer um caso no qual a necessidade de comunicar transcende a questão de acessibilidade. A Rádio Yandê é uma rádio educativa e cultural que iniciou suas transmissões na internet no dia 11 de novembro de 2013. Com sede na capital do estado do Rio de Janeiro, ela é considerada a primeira rádio indígena no Brasil e tem por objetivo principal difundir a cultura indígena de forma colaborativa em seu portal. Sua intenção é dar voz ao povo indígena brasileiro, suprimindo o não alcance de mídias consideradas tradicionais como as rádios e a tv. Em sua definição no site, a Yandê é considerada um “Ponto de Mídia Livre” e a equipe que a produz diz acreditar “que uma convergência de mídias é possível, mesmo nas mais remotas aldeias e comunidades indígenas, e que isso é uma importante forma de valorização e manutenção cultural” (Rádio Yandê, página inicial). A sua grade de programação possui programas informativos e educativos que falam sobre a realidade indígena do Brasil. Os textos escritos no site são em Português e os áudios oscilam entre Português e línguas indígenas. Independente da língua disponível, os assuntos são sempre direcionados à cultura indígena. Disponível em: <<http://radioyande.com/>>.

² Apesar de não ser o objetivo desta pesquisa, tal modelo de jornalismo acessível na web será brevemente explicado a seguir. O Pampa News (PN) surgiu em 2012 como um Webjornal de prática laboratorial para os estudantes de jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), uma instituição pública de ensino superior. Desde o início o eixo de abordagem do programa era o jornalismo educativo e, depois de algum tempo, notou-se que por ser um jornalismo audiovisual, para melhor cumprir seu papel, necessitava-se de inovação e experimentação no que se diz respeito à acessibilidade. Foi então que, em 2014, a equipe do Projeto de Extensão Pampa News - Webjornal Audiovisual Educativo implantou o uso da janela de Libras com intérpretes tanto na apresentação das notícias quanto nas reportagens apresentadas. O PN pode ser encontrado em seu canal no Youtube (Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCsW5uS8X_lwBK5ir2LPt3Yw/>) e na página oficial do Facebook (Disponível em: <<https://www.facebook.com/PampaNewsUnipampa/>>). Sua última atualização, no entanto, é de 16 de julho de 2015.

barreiras presentes em canais de televisão tradicionais, como por exemplo, as barreiras linguísticas e passa a exercer um papel crucial no processo de emissão e compreensão de mensagens devido ao seu alcance a uma pluralidade de públicos. Portanto, a justificativa deste trabalho baseia-se na urgência de refletir o papel de meios de comunicação como a TV, bem como discutir possibilidades de mudanças e a inserção de surdos e intérpretes de Libras na produção e veiculação de conteúdos midiáticos.

Considerando tais fatores, este trabalho pretende discutir o papel e o conteúdo audiovisual produzido pela TV Ines, uma Web TV estatal aberta bilíngue, vinculada ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)³, autarquia do MEC, cujo material é idealizado e executado em parceria com a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP)⁴. Nesse sentido, a pesquisa pressupõe que a TV Ines possa ser considerada uma ferramenta importante que promove informação, cultura e língua por e para a comunidade surda e, por isso, pretende investigar o protagonismo surdo na idealização e execução do material proposto por tal mídia, bem como melhor caracterizá-la.

Entende-se neste trabalho como protagonista aquele que exerce um papel principal no contexto de produção de conteúdo audiovisual, bem como aquele sujeito público-alvo do produto final, que recebe, compreende, se apropria e interage com o material veiculado. Nesta pesquisa, a ideia é mostrar em que momento o surdo aparece no processo de escolha da pauta, bem como na maneira de conduzir o programa e, também, de que forma ele é considerado importante na construção de um canal de TV que tem o intuito de incluí-lo na programação, relacionando-o com a comunidade surda e, também, com a ouvinte.

Apesar de não ser o objetivo principal deste trabalho mostrar todas as dificuldades enfrentadas pela comunidade surda no Brasil, sabe-se que essa minoria linguística tem lutas históricas na sociedade, como o reconhecimento da própria língua, por exemplo. Surdos que antes viviam isolados e escondidos, criaram instituições e associações e se organizaram como grupos para melhor lutarem por direitos, na tentativa de incluírem-se socialmente em uma comunidade predominantemente ouvinte. Esse movimento social surdo passou por mudanças, como fala Jung

Com o passar do tempo, e com o gradual aprimoramento linguístico, cognitivo e social da comunidade surda, o engajamento político passou a fazer parte também do cotidiano dos surdos, surgindo as primeiras lideranças. Assim, com o surgimento de lideranças motivadas em engajar-se nas lutas surdas, com o crescente aumento na demanda de encaminhamentos com vias a atender as necessidades dos surdos, bem

³ Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/>>.

⁴ Disponível em: <<http://roquettepinto.org.br/>>.

como com a complexidade do trabalho a ser desenvolvido, fora necessária uma reestruturação estatutária e organizacional na instituição, que resultou em significativas mudanças. Estas mudanças influenciaram substancialmente os encaminhamentos e a trajetória da militância surda a partir de então. (2011)

Além disso, como ressalta Matias, “na omissão do Estado em garantir os direitos previstos na legislação brasileira, foi necessário a sociedade reivindicar tais direitos através das instituições filantrópicas, onde são lugares de lazer, comunhão e aprendizagem da língua de sinais, socializando a pessoa surda, preparando-a para a vida em sociedade” (2014). E, nesse cenário, a mídia ainda é um desafio para que os surdos sejam reconhecidos como atores sociais em um país que se diz democrático. Partindo-se do pressuposto de que para existir a transformação de uma realidade é preciso ter protagonistas atuantes, torna-se interessante observar como esses atores aparecem nas relações dentro de uma mídia bilíngue – questões levantadas neste trabalho.

Para caracterizar e entender o funcionamento da TV Ines, a análise de seu portal não foi suficiente, pois no site, restavam lacunas a serem esclarecidas, como por exemplo, a história de sua criação e o protagonismo do surdo na produção de seu conteúdo. Por isso, foram agendadas e realizadas visitas técnicas tanto ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) quanto à Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP), a fim de observar e coletar dados. No Ines, foram realizadas duas visitas, nos dias 14 e 16 de março de 2017. Já à Acerp, foi realizada uma visita no dia 14 de março de 2017. Todas as visitas ocorreram com a concordância e acompanhamento de representantes das duas instituições. Nas visitas realizadas no dia 14, foram aplicadas quatro entrevistas compostas por tópicos previamente elaborados, mas deixando os entrevistados livres para falar sobre o tema. Em todas as visitas, além de conversas com pessoas que trabalham nas instituições, foram realizados passeios pelos prédios a fim de conhecer as locações onde emergem discussões e conteúdos ligados à cultura surda. Além disso, na visita à Acerp, acompanhou-se a gravação de um dos programas produzidos e veiculados pela TV Ines, o telejornal Primeira Mão. Portanto, a presente seção compila muitas informações obtidas nas visitas técnicas, tanto em conversas informais quanto em entrevistas realizadas com funcionários que atuam na Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP) e no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

A TV Ines⁵ é a primeira e única Web TV no Brasil inteiramente bilíngue. Criada em 24 de abril de 2013, dispõe de uma programação eclética cuja produção própria é apresentada

⁵ Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/>>.

por surdos, em Língua Brasileira de Sinais, com legenda e locução em Língua Portuguesa. A proposta é do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que contrata a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP) para a produção e elaboração de conteúdos. Tudo o que é veiculado na grade de programação do veículo de comunicação passa pelo consentimento do Instituto, que sugere e avalia o material.

Inicialmente, a ideia da direção do Ines, na época em que a TV Ines começou a ser pensada, era criar uma espécie de canal de comunicação interno a surdos e ouvintes que frequentavam, estudavam e trabalhavam no Instituto. A rede serviria para transmitir avisos, como o horário de determinadas aulas, de intervalos e outros recados institucionais, por exemplo. Na mesma época, uma equipe da Acerp foi ao Ines a fim de obter informações a respeito de como melhorar a acessibilidade aos surdos em produções feitas pela Roquette Pinto, como programas produzidos pela TV Escola. Após inúmeras conversas, surgiu a intenção de criar um canal de televisão cuja língua principal fosse a Libras e que pudesse transmitir programas aos surdos e, conseqüentemente, propagar a cultura e a língua oficial dessa comunidade. Para que o projeto fosse viável e que o alcance do material pudesse ser maior e ultrapassasse barreiras geográficas, surgiu, então, a ideia de uma Web TV bilíngüe.

Apesar do meio de comunicação integrar os públicos surdo e ouvinte, através de uma programação eclética, gratuita e disponível simultaneamente em Libras e Português, desde o início a intenção era criar um produto pensado para (e por) surdos que, antes, não tinham acesso a nenhum veículo de comunicação 100% em Língua Brasileira de Sinais e que se consideravam privados de muitas informações. Para isso, foi criada uma equipe unindo as duas instituições com a presença protagonista de quatro surdos, indicados pela direção do Ines à época.

Surge assim, um modelo de TV pensado e tratado por profissionais que nela trabalham como um veículo de comunicação semelhante à maioria dos canais de televisão, composta por programas que abrangem diferentes temáticas e distribuídos em uma grade de horários – que respeita faixas etárias e classificação indicativa. Por outro lado, a TV Ines, já em sua criação, diferiu em dois aspectos dos modelos tradicionais encontrados no Brasil. O primeiro foi o fato da equipe ser formada por surdos e ouvintes, fazendo com que, juntos, articulassem e criassem conteúdos e modelos de programas bilíngües – apesar do objetivo maior ter sido trazer à tona o universo da cultura surda e transmitir em Libras discussões do universo ouvinte, para que o surdo pudesse compreender melhor as mensagens transmitidas. Durante a visita à Acerp, a equipe da TV Ines era composta por quarenta e quatro ouvintes e seis surdos. O segundo foi o fato de estar disponível na internet, permitindo o acesso à programação 24

horas por dia, em qualquer lugar no mundo.

Em relação ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), ele é um órgão vinculado ao Ministério da Educação que oferece, no seu Colégio de Aplicação, Educação Precoce e Ensinos Fundamental e Médio, além de formar profissionais surdos e ouvintes no Curso Bilíngue de Pedagogia - experiência pioneira na América Latina. O Ines também atende a comunidade e os alunos nas áreas de fonoaudiologia, psicologia e assistência social. Em termos históricos, o atual Instituto foi criado, em meados do século XIX, por iniciativa do surdo francês Eduardo Huet, tendo como primeira denominação “Collégio Nacional para Surdos-Mudos”. Atualmente, sua missão é produzir, desenvolver e divulgar conhecimentos científicos e tecnológicos na área da surdez no Brasil, bem como subsidiar a Política Nacional de Educação, a fim de promover e assegurar o desenvolvimento da pessoa surda, sua plena socialização e o respeito às suas diferenças. Para auxiliar nesse processo, foi criada em 24 de abril de 2013, a TV Ines. Parte-se da hipótese de que, por transmitir sua programação simultaneamente em Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, a TV Ines possibilita a divulgação da cultura surda e o aprendizado da Libras para as comunidades surda e ouvinte.

Por opção, a metodologia utilizada neste trabalho foi colocada na introdução, visto que o próprio percurso da pesquisa demandou que as entrevistas fossem feitas antes de assistir aos programas disponíveis no site da TV Ines. A própria caracterização prévia da Web TV, apresentada na introdução, já é considerada parte da pesquisa, fazendo-se, assim, necessária a inclusão da metodologia no capítulo introdutório, para facilitar a compreensão. Para o desenvolvimento deste estudo, a primeira parte busca analisar alguns artefatos culturais do surdo e a importância da experiência visual para esse público, a fim de compreender o papel da Web TV em discussão como meio de comunicação utilizado para lazer e informação, especialmente à comunidade surda. Depois, são levantadas discussões a respeito dos meios de comunicação, em especial a televisão para, conseqüentemente, observar e caracterizar a TV Ines, como também, debater a questão do seu papel bem como a acessibilidade na comunicação. Para isso, a metodologia utilizada parte do método dialético, compreendido a partir da descrição e do tensionamento de uma série de conceitos sobre o objeto e seu processo de alcance à(s) audiência(s).

Metodologia

A pesquisa apresentada neste trabalho é qualitativa, uma vez que sua abordagem tem por objetivo geral compreender a produção de uma TV pública e bilíngue na internet, no caso

a TV Ines, e não analisar valores quantitativos, como por exemplo, números relacionados à recepção do conteúdo pela audiência do objeto analisado. Tal análise também possui características de cunho etnográfico, visto que, além da pesquisa de campo, utiliza diferentes técnicas de coleta de dados com a intenção de entender, descrever e, algumas vezes, explicar os fenômenos sociais e culturais presentes na construção de uma TV bilíngue cujo público-alvo é a comunidade surda.

Os objetivos específicos buscam:

- Problematizar o protagonismo do surdo na produção de conteúdo audiovisual na TV Ines;
- Caracterizar programas veiculados pela TV Ines;
- Analisar desafios na construção e veiculação do material produzido na TV Ines.

Além disso, com base nos objetivos específicos, esta pesquisa pode ser considerada mista, pois se por um lado é exploratória, ao envolver entrevistas que auxiliam a problematizar o protagonismo do surdo na produção de conteúdo audiovisual na TV Ines e a compreender como se dá a veiculação do material produzido no veículo de comunicação, por outro lado é descritiva, ao investigar vários fatores que envolvem o objeto, caracterizando a TV Ines e explorando programas veiculados por ela.

Para a elaboração deste trabalho, foram organizados diferentes procedimentos para a coleta de dados: 1) visita técnica ao Ines e à TV Ines, localizados no Rio de Janeiro; 2) realização de entrevistas semiestruturadas com pessoas protagonistas na produção da TV Ines, tanto integrantes da direção da TV, quanto produtores dos programas e apresentadores; 3) entrevista semiestruturada com representante da direção do Ines à época em que a TV Ines foi idealizada; e 4) análise da programação da TV Ines⁶, tendo como critérios, por exemplo, tipos de programa (próprios ou adaptados), locações, apresentação, temáticas e categoria (entretenimento, entrevista, informação, etc.). Os procedimentos para a coleta de dados serão melhor apresentados, a seguir.

Inicialmente, foi realizada uma análise da TV Ines a partir do seu próprio site. O portal <http://tvines.ines.gov.br/> foi analisado de maneira geral e específica. Na primeira análise, foi apresentado como ele é disposto visualmente e detalhes amplos como o funcionamento da grade e o público-alvo. Na segunda, os programas foram separados por categorias para melhor compreensão de questões como estética, linguagem e alcance. Em relação aos programas, foram separados em quatro categorias que emergiram do processo de

⁶ A análise da programação e do portal da TV Ines foi feita de março a novembro de 2017, de forma esporádica, a fim de analisar o objeto com caráter de pesquisador, mas, também, telespectador.

análise. São elas: 1) tradução e acessibilidade; 2) produção de conteúdos ligados à cultura surda; 3) cunho educativo e pedagógico e, por último, 4) que transcende a grade bilíngue. Dentro dessas categorias, algumas questões foram analisadas de acordo com a noção de operadores na análise de Modos de Endereçamento, conceito melhor descrito a seguir.

Entende-se, neste trabalho, Modos de Endereçamento como “o modo como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais” (GOMES, 2007, p. 23). Tal conceito surge a partir de uma corrente dos estudos culturais do cinema e, posteriormente, passa a ser utilizado também no jornalismo e, conseqüentemente, no telejornalismo.

Considerando que a maioria dos programas da televisão brasileira são veiculados em Português e que a língua é fundamental para a compreensão de tal conteúdo audiovisual, percebe-se que, muitas vezes, o surdo precisa do intermédio de um ouvinte para compreender as mensagens transmitidas, ou seja, constata-se que não é a ele que o programa está endereçado. Para que esse processo aconteça, é preciso que se perceba que o surdo não está incluído na proposta do programa e que nem sempre esse sujeito consegue fazer, de forma clara, a leitura das imagens.

No entanto, para que a comunicação torne-se acessível, é preciso possibilitar a participação do surdo no programa, para que esteja presente na construção desses significados. Assim como em Ellsworth (2001, p. 33) “as teorias do cinema reconhecem que os públicos não são todos iguais e que os diferentes públicos fazem leituras diferentes e extraem prazeres diferentes, e muitas vezes opostos”, essa relação é semelhante na televisão. Por isso é possível problematizar diferentes características presentes em vários programas da mídia, em especial os da TV Ines, objeto de estudo deste trabalho, para compreender de que forma a sua programação se endereça aos públicos, especialmente aos surdos.

Na perspectiva da análise televisiva, os operadores utilizados neste trabalho serão os mesmos apresentados em Gomes (2004): a) O mediador; b) Temática, organização das editorias e proximidade com a audiência; c) O pacto sobre o papel do jornalismo; d) O contexto comunicativo; e) Os recursos técnicos a serviço do jornalismo; f) Recursos da linguagem televisiva; g) Formatos de apresentação da notícia; h) Relação com as fontes de informação. Embora Gomes tenha trabalhado com outros operadores em seu trabalho mais recente, acredita-se que os apresentados acima sejam adequados e mais detalhados para serem utilizados nesta pesquisa.

Além da análise do Portal, foram agendadas e realizadas visitas ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e também à Associação de Comunicação Educativa Roquette

Pinto (ACERP) para observação e coleta de dados, ambos localizados na capital do estado brasileiro do Rio de Janeiro, com a concordância e acompanhamento de representantes das duas instituições. Nas visitas, foram realizadas quatro entrevistas compostas por tópicos previamente elaborados, mas deixando os entrevistados livres para falar sobre o tema. As questões primordiais foram as seguintes:

- Qual a relação entre o Ines e a TV Ines?
- Quem financia a proposta (programa, apresentadores, estrutura)?
- Qual o vínculo com o MEC?
- Como funciona essa parceria com a Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto?
- Em relação aos programas:
 - Quantos são atualmente?
 - Quantos existiram ao longo da história da Web TV? Quantos permanecem?
 - Qual a frequência de cada um? Quem a define? Qual o critério para escolha e permanência?
 - Qual a descrição formal de cada um?
 - Existe uma definição de intenção ou categoria de cada um? O que cada um pretende (informar, entreter, etc.)?
 - Quem produz/pensa/define os programas?
 - Quem produz/pensa/define a grade?
 - Qual o critério para a escolha dos horários?
 - Existe um público-alvo de cada um?
 - O material é produzido de forma igual a uma TV convencional e apenas colocada em um site? Quais as diferenças?
 - Como são elaborados os programas cujo objetivo é ensinar língua? Quem produz esses programas? São professores de Libras? Os programas de ensino de línguas seguem alguma metodologia? Os programas de ensino de línguas seguem algum modelo, padrão já existente?
- Em relação à Web TV, de forma geral:
 - A TV segue algum modelo? Existem propostas similares em outros países que tenham sido inspiração? Como surgiu a ideia da TV Ines?
 - Existe uma proposta pedagógica em relação à Web TV?
 - Existe um consenso de qual seja a intenção ou objetivo da TV?

- Quem são as pessoas que a tornam realidade? São surdas ou ouvintes? Qual (quais) é (são) sua (s) língua (s) materna (s)? Tem alguma formação? Em que área? Essas pessoas tem alguma relação afetiva com os surdos? Quantas pessoas trabalham na TV?
- Como é o espaço físico da TV? Existem estúdios determinados a cada programa? Os programas são produzidos e gravados no mesmo espaço?
- Os profissionais que trabalham na TV acreditam que ela cumpra com a sua proposta? Para ele(s), qual seria ela?
- Existe uma projeção de mudanças na Web TV? O que poderia ser melhor?
- Os profissionais que trabalham na Web TV acreditam que ela possa servir como uma ferramenta de promoção de cultura? Que cultura (surda-ouvinte-bilíngue)?
- Os profissionais que trabalham na Web TV acreditam que ela possa servir como uma ferramenta de promoção de línguas? Quais? De que forma?
- Existe retorno do público? Como entram em contato? Quais são as principais demandas do público?

Todas as entrevistas foram realizadas no dia 14 de março de 2017. Três pessoas entrevistadas são da Acerp, diretamente ligadas à produção e elaboração do material vinculado pela TV Ines e uma está relacionada à antiga direção do Ines, ligada à época da criação da TV. A identidade dos entrevistados será preservada neste trabalho, visto que um termo de consentimento foi assinado para tal. Eles serão tratados como entrevistado 1, 2, 3 e 4 e pelo gênero masculino, apenas para dificultar a identificação, visto que poderiam ser facilmente reconhecidos por pessoas que trabalham nas instituições.

Em relação ao representante da direção do Ines, o áudio da entrevista do ouvinte foi gravado com o celular da autora deste trabalho. Foram 29 minutos, posteriormente transcritos pela autora para melhor análise da entrevista. O diálogo ocorreu no Instituto Nacional de Educação de Surdos, onde ainda atua o entrevistado 1. A pessoa foi escolhida por ter acompanhado todo o trâmite e todas as conversas realizadas entre o Ines e a Acerp durante a criação da TV, podendo esclarecer questões como objetivos e processos relacionados ao início do veículo.

Os outros três entrevistados são contratados pela Acerp para trabalhar na TV Ines e foram entrevistados em seu ambiente de trabalho. O entrevistado 2 integra a direção da TV Ines, é ouvinte e falou durante 17 minutos. O áudio dessa conversa também foi gravado com o celular e transcrito pela autora. Além da entrevista formal, essa pessoa mostrou toda a estrutura da TV Ines informalmente à autora, explicando todo o processo de produção e

realização do material veiculado pela TV, tornando-se fundamental para este trabalho por entender todas as atividades realizadas dentro do objeto de pesquisa em questão.

Os outros dois entrevistados, 3 e 4, são surdos e atuam diretamente na elaboração e gravação dos programas da TV Ines, sendo fundamentais para a observação do protagonismo surdo nessa TV. Nos dois casos, as entrevistas foram gravadas com o gravador de áudio do celular e com uma câmera de vídeo direcionada aos surdos. A intenção da câmera de vídeo era obter o material na língua de sinais, sem a interferência do intérprete, para posterior observação. No entanto, no primeiro caso, o entrevistado 3 utilizou a Língua Portuguesa e falou por 39 minutos, sem auxílio de interpretação por ser surdo oralizado e falar Português fluentemente. Por isso, para a transcrição, foi utilizado apenas o gravador de áudio. No segundo caso, do entrevistado 4, houve a presença de uma intérprete da Acerp e a utilização da câmera de vídeo seria para sanar alguma dúvida presente ao escutar, posteriormente, a tradução da voz da intérprete. No entanto, não foi preciso utilizar tal gravação de vídeo. A transcrição feita foi sobre a tradução oral da entrevista pela intérprete de Libras, que durou 24 minutos.

2 O surdo e a experiência visual

Para falar de surdez é preciso transcender conceitos superficiais e patológicos e, assim, torna-se urgente e necessário falar em língua e cultura. Como a própria legislação define em descrição presente na introdução deste trabalho, é através da experiência visual que a pessoa surda interage com o mundo. A Língua Brasileira de Sinais, como tantas outras línguas, é um produto linguístico construído através da cultura (nesse caso da cultura surda) e, por outro lado, é diferente de tantas outras por ser uma língua visual-motora. Nesse contexto, falar da Libras torna-se imprescindível neste trabalho, já que, para Guessser (2009, pp.9-10), “tornar visível a língua desvia a concepção da surdez como deficiência – vinculadas às lacunas na cognição e no pensamento - para uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural”.

Apesar do termo cultura ter obtido diversas definições ao longo da história, este trabalho se utilizará do aporte teórico dos Estudos Culturais (EC) que, a partir de Silva (2010, p.133):

[...] concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social. A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação.

Ainda no campo dos Estudos Culturais, ao falar em cultura, permite-se observar as diferentes identidades dos sujeitos, bem como as suas diferenças, sejam de indivíduos ou grupos. Assim, é possível através deste campo teórico fomentar discussões diversas sobre minorias linguísticas, como os surdos e sua cultura. Como define Strobel (2009, p.27):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isso significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Para a autora, dentro desse conceito da cultura surda, a experiência visual do surdo é vista como um artefato cultural, já que é através dela que o surdo entende, percebe e interage com o mundo. Na ausência da audição, é a visão que tem o papel de meio de comunicação do

surdo. Portanto e, conseqüentemente, a experiência visual está atrelada à língua e à cultura e é justamente através da experiência visual, representada pela língua de sinais, que surge a cultura surda, “pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura” (STROBEL, 2009, p.41).

Assim como a experiência visual, a língua de sinais também pode ser considerada um artefato cultural, visto que é através dela que o sujeito surdo cria laços com a sua comunidade, busca ter acesso a informações e constrói sua (s) identidade (s). Na pós-modernidade, o sujeito antes visto com uma identidade estável acaba sendo considerado fragmentado, composto de inúmeras identidades (muitas vezes e, até mesmo, contraditórias). A identidade, ou identidades, dessa forma, torna-se mutável e plural (HALL, 2006). Assim, para entender as identidades construídas na comunidade surda, é preciso compreender a construção e as funções da língua de sinais nesse contexto.

Mesmo considerando que o aspecto linguístico não é o único nem o principal aspecto na construção da(s) identidade(s) dos surdos, friso que a identidade de um indivíduo se constrói na e através da língua. A língua é uma atividade em evolução, assim como o é a identidade. Apesar de envolver uma cultura, a experiência da surdez não se baseia numa exigência de “lugar”, mas, certamente o uso da língua de sinais é uma característica identitária da maior importância (SÁ, 2002, p. 105).

Nessa perspectiva, a cultura como também a identidade surda, não se limitam a narrativas, diferenças, ideias, língua, produções, dentre tantas outras coisas, isoladamente. É preciso compreender, também, os espaços onde essa comunidade habita e se relaciona, sendo frequentemente um ambiente com diversas línguas e culturas. Nesse contexto, de acordo com Quadros e Sutton-Spence (2006), deve-se considerar que apesar das pessoas surdas terem em comum o fato de integrarem um grupo visual que atravessa fronteiras, seja na esfera nacional ou até mundial, no outro extremo elas “fazem parte de uma sociedade nacional, com uma língua de sinais própria e com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país” (p. 111). Isso tudo torna a construção de suas identidades, bem como o sentimento de pertencimento aos espaços, muito mais complexos.

Dessa forma, é preciso considerar muitas relações de saber e poder em nossa sociedade, que acaba fazendo com que minorias, como as linguísticas, tenham que criar campos de resistência para conseguir promover e disseminar sua cultura. No Brasil, por exemplo, a produção de identidades e culturas ouvintes predomina em relação ao da comunidade surda, seja nos espaços públicos, educacionais, midiáticos ou econômicos.

Nessa lógica, a produção de identidades surdas atravessada pelas diferentes representações que se constituem e se reformulam dentro de sua própria cultura. Ao produzirem artefatos culturais⁷ que representam e legitimam o cenário cultural no qual se inserem, os surdos estão também se reafirmando nesse espaço como sujeitos identitários, interpretando e reinterpretando os significados ali produzidos. A circulação dessas produções possibilita o consumo de outras identidades que podem ser assumidas em experiências particulares (PINHEIRO, 2011, p. 33).

Para melhor compreender essa diversidade presente nas múltiplas identidades surdas, Perlin (1998, p.63) apresenta as seguintes categorias: identidades surdas (a), identidades surdas híbridas (b), identidades surdas de transição (c), identidade surda incompleta (d) e identidade surda flutuante (e). Na primeira (a), denominada identidade surda, a autora identifica os surdos que fazem uso propriamente dito da experiência visual, “criando um espaço visual dentro de um espaço cultural diverso”. Trata-se de uma identidade com contato consciente e intenso entre os surdos, beirando à militância do sujeito surdo. Já na segunda categoria (b), identidades surdas híbridas, são considerados os surdos que nasceram ouvintes e tornaram-se surdos no decorrer de suas vidas, logo, conhecem a experiência da audição e, assim, compreendem a estrutura da Língua Portuguesa, bem como a utilizam. Esses surdos adquirem a Libras como segunda língua, mas sua identidade vai ao encontro da identidade surda.

Na terceira categoria (c), identidades surdas de transição, enquadram-se surdos “que foram mantidos sob o cativo da hegemônica experiência ouvinte e que passam para a comunidade surda” (PERLIN, 1998, p. 64). Muitos filhos surdos de pais ouvintes, por exemplo, passam por essa experiência e precisam, diversas vezes, desprender-se de uma identidade ouvinte para adquirir uma identidade surda, baseada na experiência visual. A quarta categoria (d), identidade surda incompleta, refere-se àquela “apresentada por aqueles surdos que vivem sob uma ideologia ouvintista latente que trabalha para socializar os surdos de maneira compatível com a cultura dominante” ((PERLIN, 1998, p. 64), mostrando uma rede de poderes difícil de ser rompida. Além disso, aqui a autora também inclui o surdo que nega a existência de uma identidade surda.

Por último, na quinta categoria (e), identidade surda flutuante refere-se aqueles que “não conseguiram estar a serviço da comunidade ouvinte por falta de comunicação e nem a serviço da comunidade surda por falta da língua de sinais” (PERLIN, 1998, p. 66). Nesse sentido, o sujeito surdo vive e se manifesta a partir de uma ideologia ouvintista, seja por ser

⁷ Entende-se aqui artefato cultural de acordo com Strobel (2009), como um elemento que caracteriza a cultura surda, produzindo identidades e modos de ser surdo. A autora, em seu trabalho, considera oito artefatos da cultura surda: experiência visual (já falada anteriormente nesta pesquisa), artefato linguístico, artefato familiar, literatura surda, artes visuais, vida social esportiva, tecnologias assistidas e artefato político.

forçado a tal, ou por desprezar a cultura surda, constituindo uma identidade repleta de fragmentos, mostrando a força das relações de poder presentes em contextos ouvintes.

É necessário, no entanto, contextualizar as categorias desenvolvidas por Perlin (1998), pois se sabe que sua produção é datada, ou seja, as categorias já possuem 20 anos. Além disso, pelos Estudos Culturais, não podemos engessar os sujeitos em identidades fixas. Entretanto, é possível olhar para as identidades de Perlin como fotografias de um momento específico, ou ainda, como sugere Madeira (2015, p.28):

A categorização de Perlin pode ser vista não pelo viés das identidades, mas pelos diferentes entornos linguísticos, pelas diferentes experiências linguísticas nas quais os surdos estão imersos. Essas experiências, esses entornos, também não são fixos, porque as pessoas mudam de ambientes, de relações sociais, de escolas, entre outros. As identidades surdas de Perlin, aqui tomadas como entornos linguísticos, são retratos instantâneos de diferentes momentos das jornadas surdas.

Nesse sentido, se a construção da (s) identidade (s) dos sujeitos é fruto das relações que eles têm com o mundo, considerando sua (s) língua (s) e, no caso do surdo, a sua experiência visual, é preciso também considerar o meio social em que o indivíduo se constitui. Além de suas relações interpessoais em diversos ambientes que transita - seja na escola, no trabalho ou na família – outros artefatos se relacionam com ele, de várias formas. Os meios de comunicação, por exemplo, atuam constantemente nessas redes de relações e podem causar diferentes estímulos no desenvolvimento da (s) identidade (s). Através de diversos veículos, é possível receber ou transmitir informações, compartilhar vivências e, muitas vezes, disseminar cultura (s). A televisão, devido a sua popularidade, linguagem e audiência tem grande influência nesse contexto, pois veicula programas capazes de serem lidos de diferentes modos por diferentes pessoas. Por ser uma mídia com forte apelo visual, é uma das mais procuradas e assistidas pela comunidade surda e, por isso, torna-se necessário estudar sua relação com os surdos.

2.1 O Instituto Nacional de Educação de Surdos

Para melhor compreender o contexto em que surge o objeto de pesquisa deste trabalho, é preciso conhecer o espaço onde foi idealizada a TV Ines, mesma instituição que financia, bem como determina a sua grade de programação. Assim, como já foi citado na Introdução deste trabalho, O Instituto Nacional de Educação de Surdos (figura 1) é um órgão vinculado ao Ministério da Educação que oferece, no seu Colégio de Aplicação, Educação Precoce e Ensinos Fundamental e Médio à comunidade surda, além de formar profissionais surdos e

ouvintes no Curso Bilíngue de Pedagogia - experiência pioneira na América Latina. O Ines também atende a comunidade e os alunos nas áreas de fonoaudiologia, psicologia e assistência social. E, partindo da premissa de que a cultura e o ensino da comunidade surda desenvolvem-se com e na experiência visual, todos os espaços do Instituto têm forte apelo visual.



Figura 1: Fachada do prédio principal do Ines
Fonte: Acervo Pessoal

Já na entrada do prédio principal, é possível observar o apelo ao visual e à divulgação de objetos da cultura surda. Nos corredores, por exemplo, várias esculturas feitas por surdos foram espalhadas com nome, data e explicação da obra em Língua Portuguesa (figura 2).



Figura 2: Esculturas do Ines
Fonte: Acervo Pessoal

No mesmo prédio há uma capela, onde missas e orações são ministradas em Língua Brasileira de Sinais (figura 3).



Figura 3: Capela Ines
Fonte: Acervo Pessoal

Também no prédio principal, uma área é dedicada especialmente para ensinar e dialogar sobre cuidados com a saúde (figura 4). Temas como doenças sexualmente transmissíveis e sexualidade são alguns exemplos de materiais encontrados por lá, onde projetos são desenvolvidos com crianças e adultos surdos.



Figura 4: Área Saúde Ines
Fonte: Acervo Pessoal

Nos corredores, várias fotos com projetos realizados por surdos no Ines estão espalhadas. É o caso do Corposinalizante (figura 5), proposta de Teatro desenvolvida na instituição. Acredita-se que a intenção seja propagar de forma visual as iniciativas e mostrar aquilo que é desenvolvido e proposto aos estudantes.



Figura 5: Fotos corredores Ines
Fonte: Acervo Pessoal

No Laboratório de Novas Tecnologias Flausino José da Gama (figura 6), muitos conteúdos audiovisuais são produzidos para auxiliar no ensino dos surdos. O laboratório conta com estúdio para gravações em Libras e, também, uma sala para edição do material captado (figuras 7 e 8), com profissionais capacitados para a produção e execução do conteúdo.



Figura 6: Porta Laboratório Ines
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 7: Estúdio Laboratório Ines
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 8: Edição Laboratório Ines
Fonte: Acervo Pessoal

Banners contendo material de projetos desenvolvidos em anos anteriores, como o caso do Escola Cinema do Ines (figura 9), são espalhados pelo prédio principal, acredita-se que para manter viva a memória e divulgar o acervo do que é produzido no Instituto.



Figura 9: Projetos no corredores Ines
Fonte: Acervo Pessoal

Além do Laboratório de Novas Tecnologias, o Núcleo de Educação Online (NEO) também produz, grava e edita material audiovisual, no entanto, cada um cumpre atividades distintas. O NEO (figuras 10, 11 e 12) volta-se mais para a produção de conteúdo utilizado em cursos de Educação a Distância.

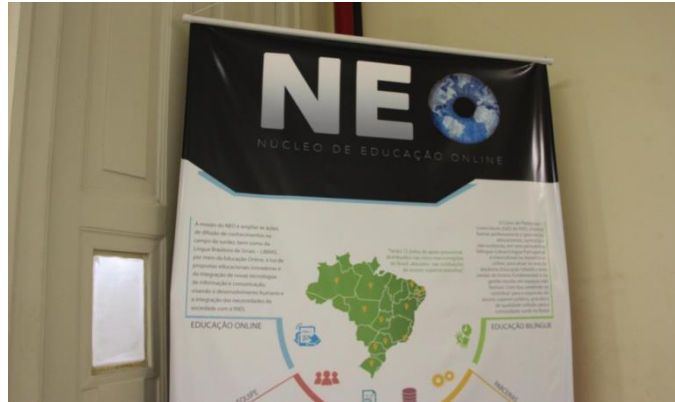


Figura 10: Porta Neo Ines
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 11: Estúdio Neo Ines
Fonte: Acervo Pessoal

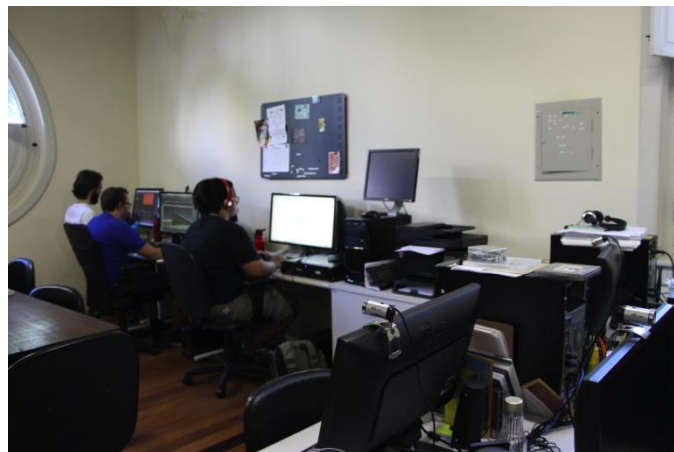


Figura 12: Edição Neo Ines
Fonte: Acervo Pessoal

Ao lado do prédio principal do Ines, o Pavilhão Saul Borges Carneiro (figura 13) fica à disposição das mães dos surdos e das surdas, para que possam ter um espaço no Instituto, sejam elas ouvintes ou surdas.



Figura 13: Pavilhão Saul Borges Carneiro - Ines
Fonte: Acervo Pessoal

O pátio do Ines (figura 14), localizado atrás do prédio principal, funciona como espaço de lazer e para a prática de atividades físicas e é compartilhado por estudantes e equipe técnica. Todas as paredes e pilares foram pintados por estudantes surdos, demonstrando como os espaços são apropriados pelos alunos e alunas da instituição, para que pertençam ao lugar e possam sentir-se da melhor maneira possível no ambiente de aprendizado.



Figura 14: Pátio Ines
Fonte: Acervo Pessoal

Da mesma forma, o refeitório (figura 15) é compartilhado por todos no Ines. O espaço é amplo e não contém pinturas, acredita-se que para apresentar-se como um ambiente limpo e agradável na hora das refeições.



Figura 15: Refeitório Ines
Fonte: Acervo Pessoal

No Ines, existe um espaço específico para o aprendizado de crianças. No Serviço de Educação Infantil (Sedin) (figura 16), todo o acompanhamento necessário aos pequenos é dado na Língua Brasileira de Sinais, seja no ensino ou na recreação.



Figura 16: Sedin Ines
Fonte: Acervo Pessoal

Já no Centro de Atendimento Alternativo Florescer (CAAF) do Ines (figura 17), crianças e adultos com dificuldades de aprendizagem associadas com outros comprometimentos na área cognitiva e/ou múltiplas deficiências, recebem um tratamento específico.



Figura 17: CAAF Ines
Fonte: Acervo Pessoal

O Instituto também conta com serviços especiais na Divisão de Audiologia (figura 18).



Figura 18: Audiologia Ines
Fonte: Acervo Pessoal

Outro espaço interessante do Ines é o Divisão de Qualificação e Encaminhamento Profissional (Diepro) (figuras 19 e 20). Lá, são oferecidos cursos e orientações para inserir o surdo no mercado de trabalho e, principalmente, incentivá-lo a estudar, trabalhar e se apresentar nas empresas das mais diversas áreas.



Figura 19: Porta Diepro Ines
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 20: Interior Diepro Ines
Fonte: Acervo Pessoal

A partir dessa breve contextualização, é possível entender a atuação, bem como a importância do complexo sistema de ensino e convívio promovido pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), de forma extremamente ligada à cultura visual dos surdos. E foi nesse contexto que emergiu a necessidade da criação da TV Ines e, por isso, é preciso falar também da importância desse tipo de meio de comunicação no Brasil.

3 A TV como meio de comunicação

Dentre as inúmeras possibilidades de meios de comunicação, a televisão surge como uma das mais populares pelo seu alcance e abrangência. Das imagens estáticas e em preto e branco de sua origem até o bombardeio diário de informações, cores e movimentos dos dias de hoje, muita coisa mudou. Independentemente da época, no entanto, é inegável observar o impacto que essa mídia causa na sociedade, sustentando uma importante relação com diversos contextos socioculturais e diversidades. É preciso, portanto, ao falar da tv como meio de comunicação social, entender o seu método comunicacional e investigar o papel do telespectador como peça fundamental na produção de sentidos, nesse processo.

Assim, falar em TV é pensar em suas maneiras de produção, distribuição e consumo. Por isso, é relevante estudar, principalmente, de que forma a TV comunica, entender a importância de sua linguagem audiovisual e, também, investigar os Modos de Endereçamento de seus programas, ou seja, observar quem ela pressupõe que seja seu público-alvo e de que forma estabelece essa relação com seu telespectador, ao levar em conta que “essa relação única do sujeito com aquilo que olha é certamente plena de elementos culturais e sociais” (FISCHER, 2006, p. 12).

Muitas vezes, em produtos como as telenovelas, por exemplo, o real e a ficção se misturam às realidades vivenciadas pelos telespectadores. É possível perceber, assim, certa intimidade em sua relação com o público e esse é apenas um dos motivos pelos quais a televisão torna-se tão popular. Além disso, seu papel de informar nos telejornais é fundamental para o surgimento de discussões e construções em sociedade. Por isso é seguro dizer que ela faz parte da rotina e da vida dos mais diversos públicos que a assistem, seja para o trabalho ou lazer. A imagem aliada ao texto serve como ferramenta para a produção de cultura e história em sociedade. “O prazer ou a revolta ou qualquer outro sentimento ou informação que a TV nos proporciona emerge exatamente porque agimos sobre os textos e imagens dessa mídia e, simultaneamente, porque nos dispomos a recebê-los” (FISCHER, 2006, p. 53).

E se a TV comunica e existe um público disposto a receber suas mensagens, é urgente refletir sobre a questão: para quem se endereça a produção televisiva? De um modo geral, é preciso levar em conta que a televisão brasileira é feita e pensada como um meio de

comunicação de massa para ouvintes, carregando e propagando, portanto, determinados aspectos políticos e culturais. Para Barbero (1997, p.287), é dessa forma que se propõe a discussão:

(...) um novo horizonte de problemas, no qual estão redefinidos os sentidos tanto da cultura quanto da política, e do qual a problemática da comunicação não participa apenas a título temático e quantitativo - os enormes interesses econômicos que movem as empresas de comunicação - mas também qualitativo: na redefinição da cultura, é fundamental *a compreensão de sua natureza comunicativa*. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor.

E se para produzir uma grade de programação televisiva é preciso pensar nesse receptor, é urgente também refletir nas diferenças entre os sujeitos que recebem e, ao mesmo tempo, produzem sentidos através do conteúdo televisivo. O mesmo material pode ser compreendido de forma completamente diferente pelos indivíduos que o assistem, seja pelas múltiplas identidades construídas em sociedade, seja pelos contextos em que estão inseridos - dentre tantos fatores possíveis de observação. É interessante, assim, entender que essa relação entre o que a TV representa ou mostra e como a mensagem é identificada pelo telespectador “não é passiva e resulta de uma espécie de interação constante entre os espectadores e aquilo que a televisão mostra sobre o mundo” (WOLTON, 1996, p. 69).

Considerando o cenário de diferentes identidades e realidades presentes no Brasil e a grade de programação da televisão brasileira, pode-se afirmar que são poucos os canais que disponibilizam programas com a tradução de um intérprete de Libras, tampouco que se preocupam em pensar em uma programação que discuta questões ligadas à cultura e comunidade surdas, esquecendo, muitas vezes, desses sujeitos que recebem e produzem significações. No país, filmes, telenovelas, desenhos, programas que envolvam notícias, músicas, entre outros, apresentam um texto e um desenvolvimento que prioriza o entendimento de ouvintes que dominam a Língua Portuguesa – seja na TV aberta ou por assinatura.

Nesse contexto, sabe-se que a maior diferença na maneira de comunicar entre a televisão, os jornais e a rádio é a imagem. Essa informação visual dá uma estrutura diferente ao conteúdo produzido e, dessa forma, tem uma maneira particular de expressar as mensagens. Considerando a experiência visual, o surdo prefere escolher a TV como meio de comunicação justamente por causa dessa imagem. No entanto, tal mídia combina imagens com o que é narrado e, por isso, nem sempre o surdo compreende a mensagem.

A televisão combina a utilização simultânea de dois sentidos do ser humano, a visão e a audição. Sem contar que uma notícia de grande impacto afeta as pessoas de forma emocional. Dependendo da intensidade, da força, uma imagem que aparece no ar por escassos 15 segundos permanece na mente do telespectador por muito tempo, às vezes para sempre. Se a televisão se impõe através da informação visual, é ainda limitada quanto à análise da mensagem que emite (PATERNOSTRO, 1999, p.63).

Essa limitação pode ser relacionada à superficialidade da informação, seja pelo tempo breve que é veiculada, ou por não proporcionar o conteúdo completo a minorias como os surdos. E se a TV é considerada uma mídia sociocultural, ela precisa ser pensada a partir de suas limitações, a fim de que possa atingir, da melhor forma possível, uma maior diversidade de públicos, incluindo a comunidade surda. É preciso também compreender que a mídia não apenas repassa informações, já que ela atua como um dispositivo pedagógico em sociedade, “não só como veiculadora mas também como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica” (FISCHER, 1997, p. 61). E como superar algumas limitações e aumentar o potencial de alcance pedagógico dessa mídia? Nesse sentido, a tecnologia pode ser uma importante ferramenta capaz de auxiliar no processo de democratização e alcance de público.

3.1 A TV na Web

Através de novas tecnologias e com o advento e popularização da internet, é possível (re)pensar novas formas de fazer TV e novos modos de assisti-la, bem como apropriar-se do seu conteúdo. Tal dispositivo de mídia inserido na Web surge como uma nova possibilidade, de caráter mais horizontal, com menos fronteiras e barreiras geográficas e culturais. É preciso, dessa forma, considerar uma espécie de convergência de mídias – quando o formato de televisão é inserido em uma plataforma virtual. Para Jenkins (2006, p. 2), entende-se como convergência “o fluxo de conteúdo em várias plataformas de mídia”. E apesar da temática Web TV ser recentemente posta em discussão, algumas definições já são discutidas:

- todo e qualquer *site* que se apresente de qualquer jeito na Internet relacionado à televisão pode ser entendido como webtv;
- todo e qualquer *site* que se apresente de qualquer jeito na Internet relacionado à televisão na Internet pode ser entendido como webtv;
- todo e qualquer site que se apresente de qualquer jeito na Internet relacionado à TV como mídia, aparelho (suporte) ou distribuição de sinal (paga ou gratuita) pode ser entendido como webtv;

- todo e qualquer site que se apresente de qualquer jeito na Internet relacionado a qualquer coisa relacionada à TV ou à televisão pode ser entendido como webtv (KILPP, 2016, pp. 59-60).

Entende-se, neste trabalho, o termo Web TV como um modelo de canal de TV tradicional disponível em um site na internet. Assim, a TV Ines será classificada como uma Web TV e um modelo que emergiu da necessidade de novas mídias para atender às minorias linguísticas, como os surdos. Tal modelo permite maior protagonismo de escolha do telespectador, já que ele pode assistir o que passa simultaneamente na grade de programação ou escolher a reprise de outro programa, do assunto que desejar, disponível em uma espécie de acervo online.

No caso de produções para o público surdo, as mais conhecidas são a BSL Zone⁸ (British Sign Language Zone) na Inglaterra e a TV Ines, no Brasil. A British Sign Language Broadcasting Trust (BSLBT) foi criada em 2008, com a aprovação da Ofcom (órgão regulador de mídias do governo britânico) e é responsável por financiar, promover e distribuir produções audiovisuais feitas por e para as comunidades surdas do Reino Unido, cuja língua oficial é a Língua de Sinais Britânica.

Além do conteúdo ser veiculado em canais de TV tradicionais do país (como, por exemplo, o Film4 e o Community Channel) muitos programas, filmes e curtas-metragens são disponibilizados na internet, no portal da BSLBT, o BSL Zone, de forma bilíngue (em Língua de Sinais Britânica e Inglês) e podem ser assistidos por espectadores do mundo todo. O conselho do BSLBT é composto por nove pessoas: quatro curadores surdos, quatro curadores ouvintes e um presidente executivo – além de uma equipe de funcionários. Essas informações foram retiradas do site BSL Zone, que disponibiliza o conteúdo em Inglês e Língua Britânica de Sinais.

No Brasil, ainda são poucos os modelos de Web TVs exclusivos para a internet, no entanto, diversas emissoras tradicionais de TV passaram a disponibilizar seu conteúdo de forma online. Segundo Lima (2016), pode-se dizer que o telejornalismo brasileiro iniciou a sua convergência na década de 1990, mas só nos anos 2000 é que começa uma nova fase histórica da televisão brasileira, quando os canais abertos passam a adotar um novo sistema de televisão digital, com a possibilidade de digitalização de materiais de áudio, vídeo e texto. Estreita-se, assim, a relação das TVs com a internet, que é capaz de armazenar e redistribuir o

⁸ Disponível em: <<http://www.bslzone.co.uk/watch/>>.

conteúdo, garantindo maior mobilidade e interatividade nessa relação de quem produz e recebe as mensagens.

A autora ainda destaca uma pesquisa realizada no Brasil, em 2015, que ressalta a televisão ainda como um tipo de mídia predominante, mas que mostra que a internet vem se tornando cada vez mais presente no dia-a-dia dos brasileiros, reduzindo a exposição do público à TV (que costuma ser de 4 horas e 31 minutos por dia) e aumentando o acesso ao conteúdo online, já que “48% da população brasileira usa a internet, com exposição média diária de 5 horas, e 67% dos entrevistados nesta pesquisa utilizam a internet para se informar e saber das notícias” (LIMA, 2016, p.3). Tais dados demonstram a necessidade dos canais de TV de se apropriarem do ciberespaço para manter a sua audiência e, também, traz à tona a urgência de mudar a forma de se fazer televisão, levando em conta novas linguagens e maior instantaneidade.

Se por um lado, grandes empresas como a Rede Globo migraram seus conteúdos de jornalismo e entretenimento para portais como o site principal da emissora⁹ e o Globo Play¹⁰, por outro lado, algumas TVs universitárias tornaram-se pioneiras na produção e veiculação de conteúdo especificamente para a internet, utilizando uma série de recursos multimídia para melhor comunicar, como por exemplo, a TV UERJ online. Essa TV foi a primeira emissora televisiva universitária do país na internet, criada em 2001, com foco no telejornalismo online. Fruto de um projeto pedagógico na área da Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a mídia tinha, inclusive, transmissão ao vivo de um telejornal feito pelos alunos para a web, mostrando assuntos relativos ao cotidiano da instituição. Para Brasil (2013), a experiência recebeu muitos prêmios por se tornar uma importante ferramenta para o jornalismo independente, bem como apresentar inovações em sua linguagem ao permitir a interatividade entre os telespectadores e os estudantes, que participavam da proposta via chats disponibilizados pela TV online.

Em ambos os casos, sejam as TVs criadas especificamente de forma online, ou as TVs que migram para o ciberespaço, é preciso compreender que o formato de televisão na internet é convergência, o que, para Jenkins (2009, p.43), representa muito mais do que mera mudança tecnológica:

A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. Não haverá uma caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro de nossas

⁹ Disponível em: < <http://www.globo.com/>>.

¹⁰ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/>>.

casas. Graças à proliferação de canais e à portabilidade das novas tecnologias de informática e de telecomunicações, estamos entrando em uma era em que haverá mídias em todos os lugares.

Além desses autores citados acima que tratam a TV na internet como Web TVs, há ainda autores como Amaral (2007) que classificam as emissoras de TV convencionais que disponibilizam seus sinais também via Web como WebTVs e consideram os canais de televisão que existem somente no universo virtual, ou seja, que são concebidos, produzidos e transmitidos apenas pela Web como CiberWebTVs ou CiberTVs. No entanto, neste trabalho, a TV Ines será considerada uma Web TV que, apesar de ser produzida e pensada para a internet, também cede programas para outras TVs públicas tradicionais como a TV Escola, bem como adapta programas veiculados por canais de TV tradicional e, ainda, disponibiliza seu conteúdo em forma de aplicativo para celular.

4 Caracterizando a TV Ines

A TV Ines funciona no prédio da Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP) (figuras 21 e 22), na cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado do Rio de Janeiro, juntamente com a TV Escola. Cada mídia possui um andar específico para desenvolver os seus trabalhos. As redações, por exemplo, são separadas e cada uma abriga equipes de produção diferentes (figuras 23 e 24).



Figura 21: Fachada Acerp
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 22: Fachada Acerp
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 23: Corredor TV Ines
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 24: Redação TV Ines
Fonte: Acervo Pessoal

Os corredores apresentam sinalização em Português para indicar locais como o estúdio e as ilhas de edição (figuras 25 e 26), onde todos os programas próprios gravados em estúdio e em locações são editados (figuras 27 e 28), bem como os programas adaptados presentes na grade de programação.



Figura 25: Corredor TV Ines
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 26: Espaço de Edição TV Ines
Fonte: Acervo Pessoal

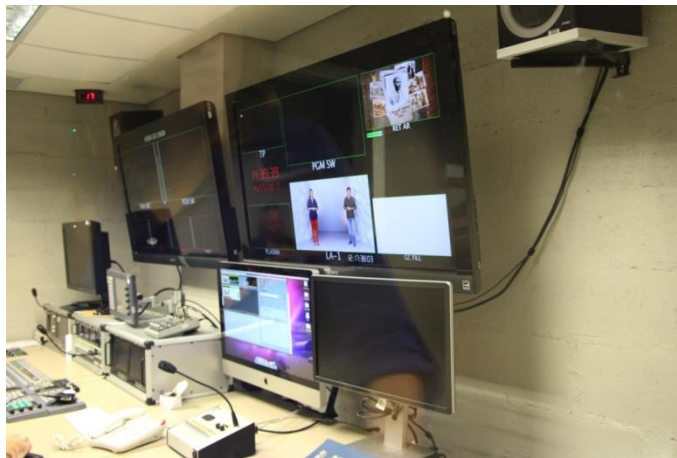


Figura 27: Espaço de Edição TV Ines
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 28: Estúdio TV Ines
Fonte: Acervo Pessoal

No espaço de sonorização e locução (figuras 29 e 30), trilhas são colocadas nos programas, bem como a locução em Língua Portuguesa nos materiais produzidos prioritariamente em Língua Brasileira de Sinais.



Figura 29: Espaço de Sonorização TV Ines
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 30: Espaço de Sonorização TV Ines
Fonte: Acervo Pessoal

Já o Camarim da Acerp (figuras 31 e 32) é compartilhado pelas equipes tanto da TV Ines quanto da TV Escola.



Figura 31: Camarim Acerp
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 32: Camarim Acerp
Fonte: Acervo Pessoal

Já a inserção de legendas, é feita em um departamento chamado de Legenda Oculta (figuras 33 e 34). O trabalho é da Acerp que, além de produzir legendas para a TV Ines e para a TV Escola, também o faz para outras TVs públicas. A diferença é que para as outras TVs, o processo é o de Closed Caption (CC), reprodução escrita do áudio em Português para a escrita em Português e para a TV Ines, a legenda é amarela e é feita uma tradução da Libras para a escrita em Língua Portuguesa, em um processo mais complexo e que leva mais tempo de produção.



Figura 33: Espaço legendagem Acerp
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 34: Espaço legendagem Acerp
Fonte: Acervo Pessoal

Em relação ao portal da TV Ines (figura 35), ele é escrito em Língua Portuguesa e acessível a surdos através do VLibras¹¹, um conjunto de ferramentas computacionais de código aberto responsável por traduzir conteúdos digitais (texto, áudio e vídeo) para a Língua Brasileira de Sinais, resultado de uma parceria entre o Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão (MP), por meio da Secretaria de Tecnologia da Informação (STI) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Na página principal, é possível ver no menu o destaque das principais categorias do site: Assista Agora, Programação, Programas, Vídeos, Boletim, Saber Mais e Colabore.



Figura 35: Print Página Inicial TV Ines
Fonte: TV Ines (Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/>>)

Ao clicar em Assista Agora, o internauta e telespectador pode assistir os programas de acordo com a grade programada pela TV Ines em formato streaming, ou transmissão contínua. Já na seção Programação, ficam disponíveis os programas do dia (e dos quatro dias seguintes) na sequência em que serão transmitidos em formato streaming, com os horários em que serão (ou já foram) exibidos. Nessa seção, é possível clicar nos programas e assisti-los a qualquer

¹¹ Disponível em: <<http://www.vlibras.gov.br/>>

momento, mesmo aqueles que ainda não foram exibidos na transmissão contínua, já que os programas são gravados e não ao vivo. Em Programas, os episódios de cada programa são agrupados, dando a possibilidade de acesso a qualquer um e em qualquer horário.

Na seção vídeos, um vasto material produzido pela TV Ines pode ser acessado separado por categorias (Acervo Ines, Colaborativos, Documentário, Educação, Especial, Filmes, Humor, Infantil, Informação e Tecnologia). Além de programas também disponíveis na grade de programação e nas outras seções, a seção compila vídeos do acervo da mídia que não estão disponíveis nas outras seções. Já em Boletim, todos os boletins produzidos pela equipe da TV estão reunidos, acredita-se que para organizar as edições do programa com maior número de atualizações, devido a sua frequência no site.

Em Saber Mais, estão disponíveis vários episódios sobre o programa com esse nome, cujo objetivo, de acordo com o portal, é esclarecer e explicar assuntos importantes para a população surda. Não há informações de atualização ou as datas do programa no site, nem está claro o porquê dele ter uma seção própria. Já a Colabore é uma seção destinada a receber vídeos de qualquer internauta, desde que esse seja maior de 18 anos e tenha um projeto, uma experiência ou uma ideia gravada considerada relevante para a comunidade surda. A proposta é interagir com o público e, caso o vídeo seja selecionado, será exibido na programação da TV Ines.

E se interatividade é uma das características proporcionadas pela internet, logo, ela está presente nesta convergência de mídias (TV e Web). Mesmo fora da seção Colabore, o fato do internauta ter autonomia na escolha dos programas e no tipo de informação que quer assistir, bem como na construção de sua própria programação ao navegar pelo portal, fica claro a sua interatividade com esse tipo de Web TV. Assim, mais do que na TV tradicional, o webtelespectador ou internauta torna-se um agente ativo ao apropriar-se dessa ferramenta, aprimorando o processo de comunicação. Para Primo (2000, p.13), para que “se amplie a noção de interatividade é preciso que se veja “envolvimento” como um “tomar parte”, onde o interagente pode participar da construção do processo. Isto é, necessita-se ultrapassar a noção de mero encantamento e trabalhar para que a participação ativa e recíproca se torne regra e não exceção”.

A fim de se aproximar ainda mais de seu público, o site da TV Ines também possui uma versão em formato de aplicativo para celulares, disponibilizando todos os programas, tanto em streaming, ou transmissão contínua, quanto divididos em categorias que agrupam todos os episódios de cada programa, garantindo que a TV possa ser acessada em qualquer

ambiente. Além disso, a TV também aposta nas redes sociais como sua página no Facebook¹² e seus perfis no Twitter¹³, no Youtube¹⁴, no Instagram¹⁵ e no Google+¹⁶. Todas as redes sociais da TV Ines são atualizadas constantemente, com exceção do Google+ que não recebe atualizações desde 2014. Apesar de serem fatores interessantes relacionados ao objeto de estudo, as redes sociais e o aplicativo não serão aprofundados nesta pesquisa.

Durante a elaboração deste trabalho, a programação da TV no portal contou, em média, com mais de 20 programas, que envolvem cultura, entretenimento e informação. Como o contrato da Acerp com o Ines é anual, alguns programas periodicamente entram ou saem da grade. Em março deste ano, quando a autora visitou a TV Ines, observou-se a presença de 14 programas próprios e vigentes à época na grade. São eles: Vida em Libras, Cinemão, Gera Mundos, Primeira Mão, Manuário, Panorama Visual, Superação, Aula de Libras, Contação de História, Tecnologia em Libras, Café com Pimenta, A Louca Olimpíada, Comédia da Vida Surda e Piada em Libras. Em novembro, em nova análise, constatou-se ainda a presença de outros seis, produzidos antes e depois da data da visita: A História das Coisas, Baú do Tito, Centro de Apoio aos Surdos, Diário de Bel, O Que Me Faz Bem e Um Dia.

Como os programas são feitos por temporada, alguns seguem disponíveis no site da TV mesmo que sem atualização. Além disso, existem desenhos e programas adaptados – que não são produções da TV Ines. Os adaptados são programas produzidos por outras instituições como o Canal Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), por exemplo, e traduzidos para Libras na Acerp. Ao invés da tradicional pequena janela no canto da tela com o intérprete, em tais programas o intérprete é colocado em primeiro plano para enfatizar a Língua Brasileira de Sinais e, no quadrado menor, fica sendo veiculado o programa que chega pronto à TV Ines.

Em relação aos programas próprios da TV Ines, eles são, em sua maioria, gravados em um único estúdio no prédio da Acerp e não no Ines. Alguns deles são gravados em outras locações, incluindo o Ines, escolhidas de acordo com a temática que se quer enfatizar. A título de complemento de informação, no prédio da Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto funcionam duas tvs: a TV Ines e a TV Escola. Os conteúdos das duas tvs são produzidos e criados pela Acerp que funciona como uma espécie de produtora de conteúdos – em sua maioria de cunho educativo. A Acerp também desenvolve outros projetos e terceiriza

¹² Disponível em: < <https://www.facebook.com/tvines.oficial/> >

¹³ Disponível em: < <https://twitter.com/tvinesoficial/> >

¹⁴ Disponível em: < <https://www.youtube.com/user/TVINESoficial/> >

¹⁵ Disponível em: < <https://www.instagram.com/tvines.oficial/> >

¹⁶ Disponível em: < <https://plus.google.com/u/0/117972247350438609826/> >

serviços, como por exemplo, a tradução para canais em Closed Caption ou outros tipos de tradução simultânea. Tais exemplos servem apenas para contextualizar o leitor, já que a Acerp não é o foco deste trabalho.

Nesse contexto, é pertinente destacar que a TV Ines é pioneira, pois suas produções vão além de uma mera tradução de narrativas do Português para Libras ou vice-versa. Todo o material é pensado de forma audiovisual para surdos e ouvintes - e não é apenas traduzido. Além das legendas em Língua Portuguesa para auxiliar os que não compreendem a Língua Brasileira de Sinais, os programas contam com a locução em Português, facilitando na compreensão, recepção e interpretação de diversos públicos, como por exemplo, os que não são alfabetizados ou com baixo grau de escolaridade e, também, a deficientes visuais – embora esses grupos não participem deste estudo.

Além disso, atualmente, alguns programas da TV Ines também são veiculados em canais de TV tradicionais parceiros, como por exemplo, a TV Escola. Dessa forma, é perceptível a busca incansável da Web TV, observada neste trabalho, de atingir uma comunicação acessível a diversos públicos, em especial os surdos, tantas vezes esquecidos por veículos de comunicação pensados por e para ouvintes. Importante destacar, também, que em todas as entrevistas, os entrevistados mostraram desconhecer outras propostas semelhantes na época da criação da TV Ines e enfatizaram que, apesar de ser bilíngue, ela é uma TV pensada por e para surdos.

4.1 Programas

Para ilustrar e discutir a grade de programação da TV Ines, os programas foram organizados em quatro categorias que emergiram durante o processo de pesquisa: 1) tradução e acessibilidade; 2) produção de conteúdos ligados à cultura surda; 3) cunho educativo e pedagógico e, por último, 4) que transcende a grade bilíngue. Neste momento, serão listados os programas disponíveis durante a elaboração deste trabalho, alocados nas categorias já mencionadas, e será analisado um programa de cada categoria, escolhidos pelo critério de maior número de visualizações. Para efeito das análises, a divisão temática ainda seguirá um roteiro dentro das categorias embasadas em critérios utilizados em outros trabalhos, como em Silva (2011), tais como:

- Pauta – relacionado à questão da temática e assuntos escolhidos para serem veiculados no programa;

- Relevância – importância na vida cotidiana do surdo se comparado a outros programas veiculados na televisão;
- Clareza das imagens – refere-se à capacidade do programa em ser objetivo nas imagens, direto e simples o suficiente para a compreensão dos surdos, bem como o fato de ser complementar ao texto verbal (no caso deste trabalho, serão consideradas as Línguas Portuguesa e a Brasileira de Sinais);
- Acessibilidade – disponibilidade tecnológica dos programas em ofertar legenda e intérprete de Libras, a fim de facilitar o processo de transmissão de mensagens;
- Linguagem – trata-se da capacidade dos programas de TV em apresentar os assuntos de uma forma completa, com unidade e demonstrando o casamento de códigos (língua e imagem), a fim de que o telespectador surdo ou ouvinte possa entender do que se trata;
- Capacidade dos comunicadores – categoria relacionada à forma como os apresentadores expressam-se.

De uma maneira geral, também serão discutidos em que gêneros, no sentido da intencionalidade (entreter, educar, informar...) e formatos (telenovela, noticiário, entrevista...) os programas se enquadram – considerando o fato de que os gêneros e formatos podem ser híbridos, ou seja, é possível que em uma mesma produção existam tipos de gênero e formatos diferentes. Além disso, serão observados os operadores na análise de Modos de Endereçamento, de acordo com Gomes (2004): a) O mediador; b) Temática, organização das editorias e proximidade com a audiência; c) O pacto sobre o papel do jornalismo; d) O contexto comunicativo; e) Os recursos técnicos a serviço do jornalismo; f) Recursos da linguagem televisiva; g) Formatos de apresentação da notícia; h) Relação com as fontes de informação.

No primeiro operador (a), o mediador, será analisado o apresentador/âncora/comentarista/correspondente/repórter do programa e como se posiciona em relação à câmera e, conseqüentemente, ao telespectador. Mais do que apenas como a pessoa se porta neste contexto, será observado o vínculo que “estabelece com o telespectador no interior no programa e ao longo da sua história dentro do campo, à familiaridade que constrói através da veiculação diária/semanal do programa” (GOMES, 2004, p. 92).

Sobre a temática, organização das editorias e proximidade com a audiência, segundo operador (b), além de refletir sobre o tipo de programa (esportivos, culturais, ecológicos, por exemplo) serão observados os critérios empregados por um programa de telejornal para selecionar e organizar a apresentação dos assuntos. Em relação ao pacto sobre o papel do

jornalismo (c), esse terceiro operador pretende analisar as características do pacto que o programa constrói com os telespectadores sobre o papel do jornalismo, ou em outras palavras, como o texto jornalístico e suas referências orienta a audiência ao que esperar do programa.

Com o contexto comunicativo (d), quarto operador, é possível analisar as circunstâncias em que o programa, o emissor e o receptor atuam, já que “a comunicação tem lugar em um ambiente físico, social e mental partilhado” (GOMES, 2004, p. 93). Já com os recursos técnicos a serviço do jornalismo (e), quinto operador, consegue-se observar as tecnologias dos programas e das coberturas, como as transmissões ao vivo, por exemplo.

Em recursos da linguagem televisiva (f), o sexto operador, observam-se as características de imagem e som ao analisar os programas, como os recursos de edição. Através dos formatos de apresentação da notícia (g), sétimo operador, é possível obter pistas de como a emissora investe em determinado material, seja com notas simples ou cobertas, até grandes reportagens. E, por último, com a relação com as fontes de informação (h), sétimo operador, nota-se o compromisso ideológico com determinada abordagem da notícia, dependendo de como ela é contruída, pois “há dois tipos elementares de fontes nos programas jornalísticos, a autoridade/o especialista e o cidadão comum” (GOMES, 2004, p. 95).

4.1.1 Tradução e acessibilidade

Nesta categoria, são listados os programas que não são produção própria da TV Ines, ou seja, são considerados programas adaptados, cuja idealização e produção são de responsabilidade de outra instituição. Os 10 programas passam por um processo de tradução e interpretação do Português para a Língua Brasileira de Sinais e, somente após essa etapa, são veiculados na TV Ines. Por serem traduzidos para a Libras e transformados em programas acessíveis ao público surdo, os programas a seguir estão inseridos na categoria tradução e acessibilidade. Após uma breve explicação dos programas, com base nas informações presentes nas sinopses disponíveis no portal da TV Ines, a fim de contextualizar a pesquisa, um deles, considerado de maior relevância levando em conta o número de visualizações, será analisado de acordo com a metodologia desta pesquisa.

4.1.1.1 As Chaves de Mardum

O programa As Chaves de Mardum (figura 36) é uma série voltada ao público infantil e aborda, de maneira lúdica, o aprendizado da matemática nos anos iniciais, com conteúdos

extras em uma plataforma online e jogos digitais, além de material de apoio ao professor. O conteúdo é da TV Escola e adaptado à TV Ines com a tradução de todo o material para a Língua Brasileira de Sinais, com a presença de uma intérprete na tela e a legenda em Português.



Figura 36: Frame As Chaves de Mardum – A Guitarra Quebrada
 Fonte: TV Ines
 Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=12369>

Na história, o Reino de Mardum está em perigo e os irmãos Cacá e Nina precisam ajudar o Anonimus a salvá-lo. As crianças, então, entram em um portal que dá acesso a outra dimensão para uma aventura de perigos e mistérios e precisam resgatar as treze Chaves Mágicas Musicais e livrar o reino das garras de Rumpus, o vilão da história.

4.1.1.2 Brasil Eleitor

O programa Brasil Eleitor (figura 37) é uma produção do Tribunal Superior Eleitoral e também é adaptado para a Libras com a presença de uma intérprete e legenda em Português. Seu foco é alcançar, com uma linguagem simples e dinâmica, o cidadão brasileiro, para auxiliar suas escolhas e decisões no processo eleitoral.

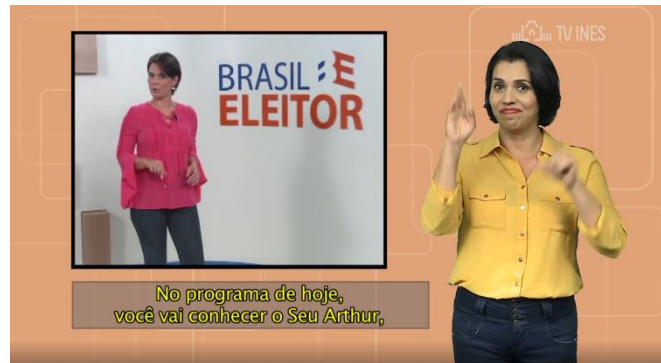


Figura 37: Frame Brasil Eleitor – Edição 636

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=16>

Durante o processo democrático de votação, a ideia é levar ao público informações sobre conceitos, leis, decisões e fatos históricos da Justiça Eleitoral, sob a proposta de revista eletrônica. Para isso, a equipe acompanha o trabalho de 27 Tribunais Regionais Eleitorais do País, mostrando avanços tecnológicos, o recadastramento nacional com a identificação biométrica e as transformações do sistema de votação.

4.1.1.3 Dr. Ânimo

Doctor Animo (figura 38) é uma animação oriunda da República Checa¹⁷. Como o programa não apresenta uma língua específica, nem diálogo, somente músicas, ele apenas recebe a adaptação para a Língua Portuguesa ao sinalizar o momento em que a música toca e que tipo de música é, como por exemplo, se alegre ou triste.



Figura 38: Frame Dr. ânimo – Galinha

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=12173>

¹⁷ Disponível em: <<http://decko.ceskatelevize.cz/doktor-animo>>

A história é a de um mestre que cura as dores que os animais sentem, mas também, é capaz de satisfazer outros desejos dos bichos, como fazer um hipopótamo voar, uma lebre ser do tamanho de um urso ou um elefante sem tromba, por exemplo.

4.1.1.4 Honziq e Samuel

Honziq e Samuel (figura 39) também é uma série de animação para crianças oriunda da República Checa¹⁸, dirigida por Ivan Renc e com trilha de Jaroslav Uhlir. Da mesma forma, os personagens não utilizam uma língua específica para falar, apenas comunicam-se através de movimentos e gestos, portanto a adaptação está ao sinalizar o momento em que a música toca e que tipo de música toca em Português, como por exemplo, se animada ou não.



Figura 39: Frame Honziq e Samuel – Episódio 13

Fonte: TV Ines

Disponível em: < http://tvines.ines.gov.br/?page_id=13002 >

Nessa história, os heróis são um menino chamado Honziq e seu amigo Samuel, um urso polar. Na animação, quando o urso não gosta de alguma coisa em casa, decide fugir para o norte além do Círculo Polar. O menino, então, tenta alcançá-lo, a fim de convencê-lo a voltar. Assim, eles encaram aventuras engraçadas e Samuel torna-se o protetor leal de Honziq.

4.1.1.5 Interesse Público

Produzido pela Procuradoria Geral da República, no formato de revista, o Interesse Público (figura 40) é um programa semanal que tem por objetivo apresentar a atuação do Ministério Público Federal ao público não especializado e divulgar direitos dos cidadãos. Sua

¹⁸ Disponível em: < <http://www.ceskatelevize.cz/ivysilani/1113295350-honzik-a-samuel-aneb-kudy-vede-cesta-na-sever/204552116050004>>.

adaptação consiste na gravação de um intérprete traduzindo todo o programa e a legenda em Português.



Figura 40: Frame Interesse Público – Edição 606

Fonte: TV Ines

Disponível em: < http://tvines.ines.gov.br/?page_id=18 >

Além de defender assuntos importantes à sociedade brasileira, o programa presta conta sobre as atribuições do Ministério Público Federal (MPF), definidas pela Constituição Federal. Dessa forma, o Interesse Público acaba mostrando a relevância da proteção dos direitos de todos ao escolher assuntos atuais e de interesse público, com atividades e fontes de todas as unidades do MPF no país.

4.1.1.6 Momento Ambiental

Já o Momento Ambiental (figura 41) é uma produção do Centro de Produção da Justiça Federal (CPJus) e tem o mesmo tipo de adaptação: na TV Ines, o programa recebe a tradução de um intérprete da Língua Brasileira de Sinais e legenda em Língua Portuguesa.



Figura 41: Frame Momento Ambiental – Edição 72

Fonte: TV Ines

Disponível em: < http://tvines.ines.gov.br/?page_id=1644 >

A proposta é um interprograma exibido nos intervalos das emissoras públicas e comunitárias que mostra exemplos de iniciativas simples e capazes de ajudar a preservar o planeta, partindo do pressuposto de que cuidar do meio ambiente é uma obrigação e um desafio de todos.

4.1.1.7 Salto para o Futuro

O Salto para o Futuro (figura 42) também é um programa adaptado, produzido e idealizado pela TV Escola e que, na TV Ines, recebe legenda em Português e interpretação para a Língua Brasileira de Sinais. O foco do material é a formação continuada de professores e de gestores da Educação Básica.



Figura 42: Frame Salto para o Futuro – Gestão de Carreiras
 Fonte: TV Ines
 Disponível em: < http://tvines.ines.gov.br/?page_id=126>

A partir de 2013, com novo formato, o Salto para o Futuro apresenta edições temáticas com uma nova organização: Salto revista, dividido em seus três blocos, com eixos de apresentação de um tema relevante no cenário da educação contemporânea, e Salto debate, com três debatedores e com maior espaço para a interatividade, através do telefone.

4.1.1.8 Via Legal

O Via Legal (figura 43) é idealizado e produzido pelo Centro de Produção de Programas da Justiça Federal para Televisão (CPJus) em parceria com Superior Tribunal de Justiça (STJ), Conselho da Justiça Federal (CJF) e os cinco Tribunais Regionais Federais (TRFs) do País. Para ser veiculado pela TV Ines, é adaptado ao ser legendado em Português e interpretado em Libras.



Figura 43: Frame Via Legal – Edição 744

Fonte: TV Ines

Disponível em: < http://tvines.ines.gov.br/?page_id=132>

O programa é uma revista eletrônica voltada para a cobertura das medidas da Justiça Federal (JF) em todo o Brasil. A cada edição, o telespectador pode conferir matérias produzidas nas diferentes regiões do país, com o objetivo de aproximar o cidadão da realidade e do cotidiano do judiciário, utilizando linguagem simples e de fácil entendimento para explicar o funcionamento da Justiça Federal ao público que não faz parte do meio jurídico.

4.1.1.9 Visual

O programa Visual (figura 44), que estreou com o nome "Jornal Visual" em 1988, é uma produção da TV Brasil¹⁹. Apesar de seguir atualizado no site próprio, no portal da TV Ines só há programas disponíveis até setembro de 2016. Ele é o primeiro telejornal diário criado para levar informação à comunidade surda no Brasil.



Figura 44: Frame Visual– 14/09/16

Fonte: TV Ines

Disponível em: < http://tvines.ines.gov.br/?page_id=136>

¹⁹ Disponível em: < <http://tvbrasil.ebc.com.br/visual> >.

Os apresentadores são ouvintes, mas todo o conteúdo é veiculado em Língua Brasileira de Sinais, com áudio e tradução em Língua Portuguesa, sem a necessidade de ser adaptado pela TV Ines. Quando são apresentadas reportagens produzidas por ouvintes, a tela é dividida com um intérprete (figura 45).

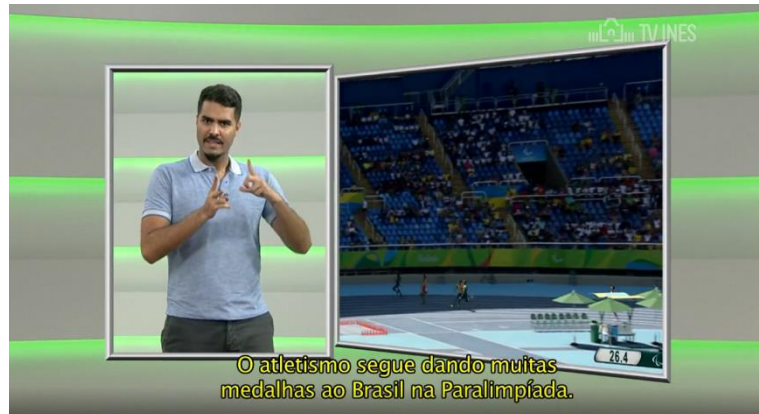


Figura 45: Frame Visual– 14/09/16

Fonte: TV Ines

Disponível em: < http://tvines.ines.gov.br/?page_id=136>

Como o material é acessível, é apenas veiculado em sua forma original pela TV Ines. No programa são apresentadas reportagens sobre a inclusão do surdo e assuntos ligados à comunidade surda, bem como as principais notícias do Brasil e do mundo.

4.1.1.10 Ligado em Saúde

Assim como os outros nove programas acima citados, o Ligado em Saúde (figura 46) não é uma produção própria da TV Ines. Ele é um programa adaptado - idealizado e produzido em outra instituição e veiculado na TV Ines, após passar por um processo de tradução e interpretação do Português para a Língua Brasileira de Sinais e com o acréscimo de legendas. Por ser traduzido para a Libras e transformado em um programa acessível ao público surdo, assim como os outros, ele está inserido na categoria tradução e acessibilidade. Devido a sua popularidade e ao elevado número de visualizações, este foi o programa da categoria escolhido para ser analisado de forma mais profunda.



Figura 46: Frame Ligado em Saúde – Episódio 26

Fonte: TV Ines

Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/?p=10681>>

O Ligado em Saúde é de gênero predominantemente informativo-noticioso, visto que tem como intenção informar o telespectador a respeito de assuntos ligados à saúde. Em relação ao formato, ele é um programa de entrevistas, onde “a figura central do programa é o convidado/entrevistado, e não o apresentador” (GAMBARO, 2012, p. 15). Esse programa é uma produção da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)²⁰ - instituição de pesquisa e desenvolvimento em ciências biológicas, localizada no Rio de Janeiro, considerada uma instituição importante para a pesquisa em saúde pública no país. Em relação aos assuntos abordados (a pauta), eles surgem, em sua maioria, a partir de sugestões dos espectadores através de contato com a produção do programa pelo e-mail ligadoemsaude@fiocruz.br, além de emergirem de discussões da própria equipe que trabalha na Fundação. Isso demonstra a interatividade e a convergência presentes tanto entre as instituições (Fiocruz e TV Ines), bem como entre as plataformas (TV e internet).

Por causa dessa proximidade com o público e por abordar temas referentes à promoção da saúde, prevenção e esclarecimento de doenças, o programa é extremamente importante para surdos e ouvintes. Considerando o fato de que são poucos os programas sobre essa temática com tradução em Libras no Brasil, o Ligado em Saúde é extremamente relevante para o surdo, pois trata de saúde pública, interesse geral da população.

Para falar de clareza de imagens, acessibilidade, linguagem e capacidade dos comunicadores, é preciso, primeiramente, esclarecer de que forma esse programa é adaptado. Basicamente, o material é analisado pela equipe da TV Ines, um intérprete de Libras é filmado fazendo todo o processo de tradução e, posteriormente, ocorre a edição que une as duas gravações – a do programa original com a inclusão do intérprete. Além disso, legendas em Português também são inseridas na imagem.

²⁰ Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pt-br>>.

Para a veiculação do programa adaptado, a tela é dividida. A intérprete fica ao lado esquerdo e, do lado direito, é colocado o programa com a legenda abaixo (figura 47). A intenção é que o surdo possa obter a informação em Libras em um tamanho adequado e com a melhor visibilidade de sua língua. Portanto, as imagens são claras ao transmitir a informação nas duas línguas, o programa dispõe de tecnologia necessária para ser veiculado de forma acessível ao surdo e a linguagem, aliando texto e imagem, assim, torna-se completa. É possível observar, ainda, a importância dada à Libras, visto que o intérprete fica praticamente em primeiro plano na tela. A capacidade da intérprete em comunicar pode ser considerada adequada, bem como o programa em si, visto que apresentador e entrevistado são filmados, na maioria das vezes, de frente para a câmera, chamando a atenção de quem assiste – especialmente os surdos.



Figura 47: Frame Ligado em Saúde – Episódio 26

Fonte: TV Ines

Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/?p=10681>>

Para este trabalho, foi analisado o episódio 26 do programa Ligado em Saúde, de 25 minutos, publicado em 22 de setembro de 2015. Com 1970 visualizações até a conclusão deste trabalho, o programa fala sobre o vírus HPV e recebe no estúdio o ginecologista, professor e chefe do setor de DST do departamento de microbiologia e parasitologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Mauro Romero Leal Passos, para explicar o que é câncer no colo do útero e como o Ministério da Saúde oferece doses da vacina contra o HPV, desde 2014. Como o material é gravado, em sua forma adaptada na TV Ines não tem intervalos comerciais. Além disso, no portal, o programa foi colocado nas categorias Informação e Ligado em Saúde, com as “tags”, ou palavras-chave, Câncer no colo do útero, departamento de microbiologia e parasitologia da UFF, DST, ginecologista, HPV e Mauro Romero Leal Passos.

Em relação aos operadores na análise de Modos de Endereçamento, o programa será analisado em sua forma adaptada na TV Ines e não em sua versão original, sem tradução. Portanto, nesse caso, o mediador (a) é a intérprete, pois é ela quem assume um papel fundamental no programa ligando a audiência ao conteúdo. No papel de apresentadora, ela “carrega de modo mais significativo a missão de representar a ‘cara’ do programa, por sua atuação central na apresentação das notícias” (PEIXOTO, 2005). No caso do Ligado em Saúde, a intérprete se posiciona de frente para a câmera e divide espaço com o programa que é reproduzido ao seu lado, em uma tela específica. Abaixo da tela e da intérprete fica a legenda em Língua Portuguesa. A intérprete, além de demonstrar estar familiarizada com o público da TV, a comunidade surda, já que se comunica através da Libras, vincula certa credibilidade ao programa pois sua postura de interpretação é coerente com o texto apresentado pelo conteúdo original. Além disso, por ser mulher, chama a atenção de um público muito importante para tal episódio, visto que o tema é o HPV, vírus que pode causar câncer no colo do útero. A roupa da intérprete, discreta e formal, também dá mais seriedade ao material apresentado. É preciso ressaltar também que ela assume, além do papel de apresentadora, o papel de entrevistada, pois traduz o diálogo do programa.

Sobre a temática, organização das editorias e proximidade com a audiência (b), autoras como Gomes e Peixoto (2007 e 2005) apostam na análise desse operador nos telejornais. Como o Ligado em Saúde é um programa temático, fica claro que assuntos voltados à saúde norteiam o programa e estabelecem o vínculo com a audiência. Nesse caso, será analisado, posteriormente, como o tema em si se articula com os outros operadores.

No pacto sobre o papel do jornalismo (c), por exemplo, é possível observar de que forma a temática é regulada e apresentada ao telespectador e de que maneira são estabelecidas as relações entre o programa e quem o assiste. Para compreender esse contexto, é interessante analisar como o programa se constitui dentro do jornalismo como instituição social e, assim, compreender:

[...] como lida com as noções de objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião, atualidade, quarto poder, como lida com as idéias de verdade, pertinência e relevância da notícia, com quais valores-notícia de referência opera (GOMES, 2007, p.26).

Como o programa é de entrevista, o telespectador já sabe que encontrará muitas informações. Nesse contexto, o entrevistado e o entrevistador têm papel crucial ao demonstrarem suas opiniões e ressaltarem pontos importantes ligados à saúde, nas entrevistas. Das funções que o programa pode assumir, acredita-se que a mais forte seja a de conversação

social, visto que tem maior caráter informativo, “com a missão predominante de alimentar a conversação cotidiana que visa à formação da opinião pública sobre a realidade social” (PEIXOTO, 2005, p.49).

Já analisando pelo contexto comunicativo (d), quanto ao receptor e às circunstâncias, sejam elas espaciais ou temporais, em que ocorre o processo comunicativo, ao focarmos na intérprete, que interpreta e reproduz a fala tanto do apresentador quanto do entrevistado, nota-se que ambos se posicionam ao falar nas e das notícias. Como o objetivo do programa é alertar o telespectador em relação aos conteúdos ligados à saúde, é visível a preocupação dos emissores em prender a atenção e informar o receptor do conteúdo. Em relação ao cenário, é preciso considerar os dois espaços: o da fala do programa em si, no estúdio, com as cadeiras viradas de frente uma pra outra e, também, o da intérprete, que ocupa sozinha metade da tela a fim de chamar mais e melhor a atenção do surdo.

Sobre os recursos técnicos a serviço do jornalismo (e), ou o modo como as emissoras lidam com a tecnologia de imagem e som para transmitir as mensagens, é visível a importância desse operador nos conteúdos adaptados. Se “o modo como exibem para o telespectador o trabalho necessário para fazer a notícia são fortes componentes da credibilidade do programa/da emissora e importante dispositivo de atribuição de autenticidade” (GOMES, 2004, p. 94), é necessário ressaltar que além da escolha de programas de qualidade, a TV Ines utiliza um cenário adequado e específico para a gravação da interpretação em Libras e, além disso, cuida o processo de edição para que a intérprete fique posicionada de forma coerente com o programa adaptado.

Da mesma forma, podemos analisar os recursos da linguagem televisiva (f), enquanto o programa original em si apresenta vários enquadramentos (ora somente o apresentador ou o entrevistado aparecem, ora ambos dividem a tela), o enquadramento da intérprete é sempre o mesmo, em plano americano, enquadrada dos joelhos para cima. No entanto, é interessante observar que quando há a presença de infográficos, apenas as informações aparecem no lugar do programa original e a intérprete passa a ter o papel de apresentadora, visto que traduz a fala da apresentadora original (figura 48). Talvez no formato original apareça apenas o gráfico na tela do telespectador, com o áudio da apresentadora.

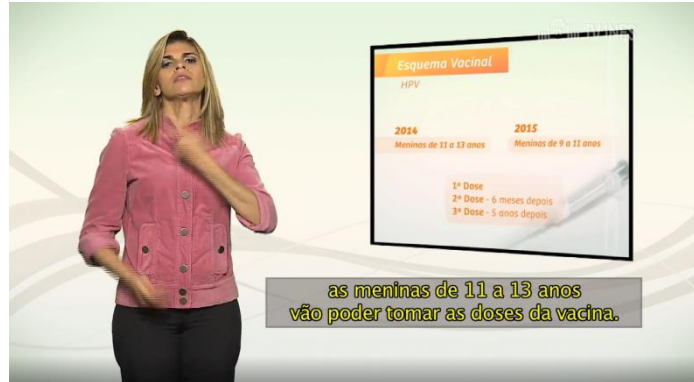


Figura 48: Frame Ligado em Saúde – Episódio 26

Fonte: TV Ines

Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/?p=10681>>

Nos formatos de apresentação da notícia (g), por se tratar de um programa de entrevista, esse é o formato majoritário, sem reportagens e notas, por exemplo - o que ressalta o destaque da temática principal do programa. Esse operador acaba influenciando quando se fala da relação com as fontes de informação, já que apresenta a participação de muitos entrevistados importantes e, “a princípio, as fontes oficiais e os especialistas conferem credibilidade e legitimam a abordagem da cobertura jornalística” (PEIXOTO, 2005, p.58). É preciso destacar, por fim, que em todos os operadores a presença da intérprete é essencial para cumprir com o objetivo da TV Ines, repassar informações à comunidade surda.

4.1.2 Produção de conteúdos ligados à cultura surda

Nesta categoria, são listados programas cuja produção e execução são de responsabilidade da TV Ines, ou seja, são considerados programas próprios, e não adaptados como na categoria anterior, cuja idealização é da TV e do Ines, em conjunto. Os nove programas listados, a seguir, são pensados por surdos e ouvintes tanto do veículo de comunicação como do Instituto, e transmitidos em Língua Brasileira de Sinais, com áudio e legendas em Língua Portuguesa. Por tratarem de assuntos diretamente ligados à comunidade surda e sua cultura, ou trazidos do universo ouvinte para o cenário surdo de forma contextualizada, tais programas, de informação e entretenimento, pertencem à categoria de produção de conteúdos ligados à cultura surda. Assim como na primeira categoria, após uma breve explicação dos programas, com base nas informações presentes nas sinopses disponíveis no portal da TV Ines, a fim de contextualizar a pesquisa, um deles, considerado de maior relevância levando em conta o número de visualizações, será analisado de acordo com a metodologia desta pesquisa.

4.1.2.1 A Louca OlimPiada

Neste programa, o grupo de teatro do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com 11 jovens artistas surdos, apresenta a comédia Louca OlimPiada, explorando a linguagem de gestos e expressão corporal, bem como a Libras (figura 49).



Figura 49: Frame Louca OlimPiada – Natação

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=10100>

Ao todo são oito episódios, com a direção artística do professor Silas Queiroz, que abrangem com humor modalidades olímpicas, dando visibilidade à cultura surda ao desenvolver, nos alunos, o potencial da experiência artística, aproximando-os da Instituição.

4.1.2.2 Comédia da Vida Surda

Assim como a Louca OlimPiada, o Comédia da Vida Surda utiliza-se da expressão artística para mostrar a cultura surda. Com o objetivo de fazer rir, o programa mostra os desafios do cotidiano de pessoas surdas, através do universo clown, ou palhaços, revelando, de maneira bem-humorada, as dificuldades e conquistas no dia-a-dia, bem como a realidade da exclusão e a falta de recursos disponíveis no Brasil para lidar com a diversidade (figura 50).



Figura 50: Frame Comédia da Vida Surda – Aeroporto

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=4587>

Em treze episódios, participam da série um dos fundadores do grupo Doutores da Alegria, Sávio Moll, o ator surdo Sandro Haddad, filho do teatrólogo Amir Haddad, Virginia Maria e uma equipe técnica especializada em linguagem cênica, corporal e gestual, pioneira no desenvolvimento de trabalhos com surdos.

4.1.2.3 Tecnologia em Libras

Em a Tecnologia em Libras, o professor, na condição de apresentador, Renato Nunes mostra as novidades e avanços tecnológicos que podem facilitar a rotina e a comunicação dos surdos. Renato apresenta em Libras, com áudio e legendas em Português (figura 51). Quando há entrevista com ouvintes, a tela é dividida e de um lado fica o entrevistado e do outro, a intérprete (figura 52).



Figura 51: Frame Tecnologia em Libras – Céu de Drones

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=129>



Figura 52: Frame Tecnologia em Libras – Céu de Drones

Fonte: TV Ines

Disponível em: < http://tvines.ines.gov.br/?page_id=129 >

Nesse exemplo acima, o assunto foi a utilização de drones, mas diversos recursos como aplicativos para tablet e celular, por exemplo, são abordados com a intenção de mostrar como tais aparelhos podem ajudar no cotidiano dos surdos.

4.1.2.4 Panorama Visual

Já o programa Panorama Visual é apresentado pelas surdas Clarissa Guerretta e Rafaela Vale, contando, ainda, com a colaboração de repórteres surdos para transmitir informação e entretenimento ao telespectador em Libras (figura 53).



Figura 53: Frame Panorama Visual - IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

Fonte: TV Ines

Disponível em: < http://tvines.ines.gov.br/?page_id=1383 >

No programa que fala sobre o Índice de Desenvolvimento Humano, por exemplo, a apresentadora também entrevista convidados sobre o assunto, com áudio e legendas em Português (figura 54). Quando o entrevistado ouvinte responde, a tela é dividida com um intérprete.



Figura 54: Frame Panorama Visual - IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

Fonte: TV Ines

Disponível em: < http://tvines.ines.gov.br/?page_id=1383>

Em outras entrevistas com ouvintes durante o programa, da mesma forma, a tela com a entrevistada especialista é dividida com um intérprete (figura 55).



Figura 55: Frame Panorama Visual - IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

Fonte: TV Ines

Disponível em: < http://tvines.ines.gov.br/?page_id=1383>

Os cases, ou personagens da vida real entrevistados nas matérias dos programas, são surdos e, dessa forma, aparecem em tela cheia com legenda e áudio em Língua Portuguesa, ressaltando a importância de trazer o assunto ao contexto da comunidade surda (figura 56).



Figura 56: Frame Panorama Visual - IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

Fonte: TV Ines

Disponível em: < http://tvines.ines.gov.br/?page_id=1383>

Nesse programa observado, o assunto debatido foi o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Outros assuntos como educação e saúde também aparecem, com frequência, no Panorama Visual.

4.1.2.5 Super Ação

O Super Ação é um programa voltado aos milhões de surdos no Brasil que são amantes de esporte (figura 57). Seu começo é marcado por uma série sobre o mundial de futebol no país, mostrando os estádios construídos nas 12 cidades-sede para a competição e as 32 seleções que disputam a Copa. Ao longo dos programas, muda o foco para todos os tipos de esportes. A apresentação em Libras do episódio observado é de Rafaela Vale, com legendas e áudio em Português.



Figura 57: Frame Super Ação – Surfe Surdos

Fonte: TV Ines

Disponível em: < <http://tvines.ines.gov.br/?p=15057>>

Em vários programas, surdos contam as suas experiências no esporte, como o surfe, por exemplo (figura 58). Tudo é veiculado em Libras, com legenda e áudio em Língua Portuguesa.



Figura 58: Frame Super Ação – Surfe Surdos

Fonte: TV Ines

Disponível em: < <http://tvines.ines.gov.br/?p=15057> >

O programa pretende contar histórias de esportistas surdos que se destacaram em diversas modalidades e, também, de pessoas que estão iniciando a prática de algum esporte, bem como mostrar as principais competições e curiosidades no Brasil e no Mundo.

4.1.2.6 Café com Pimenta

O Café com Pimenta é apresentado pelo professor e pesquisador Nelson Pimenta, que tem experiência no mundo artístico. O programa convida pessoas interessantes que, na maioria das vezes, são surdas ou que tem alguma relação com a comunidade surda, para um bate-papo (figura 59). Quando o entrevistado é ouvinte ou oralizado, há ainda a presença de um intérprete de Libras, mas nem sempre isso é necessário. Assim como nos outros programas, há legenda e áudio em Português.



Figura 59: Frame Café com Pimenta – Leonardo Castilho
 Fonte: TV Ines
 Disponível em: < <http://tvines.ines.gov.br/?p=11391> >

No programa analisado, o entrevistado é Leo Castilho, que ficou surdo aos oito meses de idade e, ao longo da vida, desenvolveu grande sensibilidade para as artes. Fluente na Língua Brasileira de Sinais e na Língua Portuguesa, fez dança, teatro e estudou artes, além de trabalhar no Museu de Arte Moderna de São Paulo, como arte-educador. Ele conta sua história e explica a arte em todas as suas formas para surdos.

4.1.2.7 Um Dia

Como uma das mais recentes produções da TV Ines, Um Dia surge como uma série de cinco programas, onde é retratado um dia na vida de cinco jovens surdos na cidade do Rio de Janeiro (figura 60). Em cada episódio, é possível ver o bairro, a casa e a família dos personagens, mostrando o contexto e a realidade particular de cada um, além de conhecer os sonhos e as paixões dos jovens.



Figura 60: Frame Um Dia – Renan Aprígio
 Fonte: TV Ines
 Disponível em: < <http://tvines.ines.gov.br/?p=11391> >

Os vídeos têm áudio ambiente e legenda em Português, mas não possuem dublagem em Língua Portuguesa, como a maioria dos programas. Os episódios são dirigidos por Carolina Sá, com cinco minutos de duração. No programa observado, o destaque é Renan Aprígio, de 23 anos, um youtuber cujo sonho é incluir a comunidade surda no mundo digital.

4.1.2.8 O Que Me Faz Bem

O programa O Que Me Faz Bem fala sobre o completo bem-estar físico, mental e social das pessoas, destacando que manter atitudes positivas constantes e hábitos saudáveis são a chave para melhorar a qualidade de vida. Quando os entrevistados são oralizados, a tela é dividida com um intérprete de Libras e todo o programa tem legenda em Português (figura 61).



Figura 61: Frame O Que Me Faz Bem – Jhonny Souza
 Fonte: TV Ines
 Disponível em: < <http://tvines.ines.gov.br/?p=11391> >

Os entrevistados, como em todos os outros programas, não são escolhidos por acaso. No caso do episódio analisado, Jhonny Souza é surdo e usuário de implante coclear e encontrou na lambaeróbica uma fonte de lazer, entretenimento, saúde e bem-estar.

4.1.2.9 Gera Mundos

O Gera Mundos, assim como os últimos oito citados, é um programa idealizado e produzido pela TV Ines. Devido à sua popularidade e ao elevado número de visualizações, esse foi o programa da categoria escolhido para ser analisado de forma mais aprofundada. Considerando o fato de que todos os programas desta TV são fruto de discussões entre o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e a Associação de Comunicação Educativa

Roquette Pinto (ACERP), algumas informações presentes, nesta seção, são oriundas das entrevistas realizadas nas duas instituições.

De acordo com o entrevistado 2, que integra a coordenação da TV Ines, pela Acerp, o Gera Mundos foi um dos programas que mais oscilou entre formatos e gêneros, desde a sua criação. No entanto, sempre abordou assuntos ligados ao universo da comunidade surda e, por isso, é destaque nesta categoria de produção de conteúdos ligados à cultura surda.

(...) no primeiro ano eles queriam algo bem educativo, que cuidasse pedagogia, aí pra não ficar cansativo a gente fez um programa documentário, tudo bacana, eles aprovaram o projeto, gostaram da ideia e a gente colocou, acho que foram 6 episódios... Já no segundo ano mudou um pouquinho a linha, “ah a gente queria contar a experiência de famílias surdas” e aí foi uma demanda deles, então a gente fez os programas e aí mostrou pra eles e eles aprovam, ok... Esse ano já teve uma outra linha completamente diferente do Gera Mundos. É um documentário-pessoa. Então a gente fez a vida de 6 surdos contando como é que foi a vida deles. Programas pequenos tá, de 20 minutos, mas tudo aprovado pelo Ines (entrevistado 2, Acerp).

Em relação ao gênero, esse programa pode ser considerado de Infoentretenimento (GAMBARO, 2012), visto que mescla a intenção de informar, trazendo aspectos de cunho jornalístico e, ao mesmo tempo, entreter, ao contar histórias de surdos e de ouvintes com alguma ligação com a surdez. Atualmente, a sinopse desse programa, disponível no site da TV Ines²¹, descreve seu formato como de documentário, pois cada episódio se aprofunda em um tema, “indo além do simples relato da notícia como em uma reportagem. A visão crítica é conseguida com múltiplas opiniões e/ou relatos, distribuídos no programa” (GAMBARO, 2012, p.14).

Sobre a pauta, os episódios do Gera Mundos buscam discutir os avanços no desenvolvimento educacional das pessoas surdas, trazendo à tona o processo de socialização e o respeito às diferenças, através de depoimentos. Ao mostrar diferentes realidades, os surdos podem se identificar com as falas reproduzidas no programa, tornando-o, assim, extremamente relevante, visto que são poucos os depoimentos de pessoas surdas mostrados em programas na televisão brasileira.

O episódio analisado, aqui, foi o publicado em 19 de maio de 2014, devido ao maior número de visualizações – foram 8855 até o fechamento deste trabalho. Com 29 minutos, incluído na categoria Gera Mundos do portal e com as tags, ou palavras-chave, diagnóstico de surdez e teste da orelhinha, o programa intitulado como Descoberta fala sobre o diagnóstico da surdez. Assim, o episódio trata assuntos como o teste da orelhinha, a reação dos pais ao

²¹ Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=335>

saber que o(a) filho(a) é surdo(a) e a busca por tratamentos e procedimentos disponíveis. Dentre as histórias contadas, por exemplo, estão a de Marta, ouvinte mãe de trigêmeos (um surdo e autista, outro surdo e um ouvinte) e a de Priscilla (surda, casada com um surdo e mãe de um surdo).

No programa, quando o depoimento é de um ouvinte, a tela fica dividida com o intérprete de Libras e a legenda em Português fica abaixo, como mostra a Figura 62. Em alguns momentos, a imagem é colorida e, em outros, preto e branco, acredita-se que apenas por uma questão estética para chamar a atenção e distinguir o momento em que há troca de personagens e depoimentos.

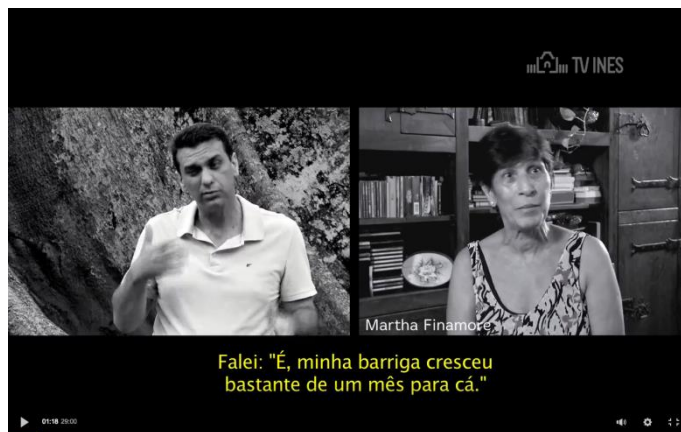


Figura 62: Frame Gera Mundos – Descoberta.

Fonte: TV Ines

Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/?p=2461>>

Já em depoimentos de surdos, a pessoa que fala em Libras fica sozinha na tela, acompanhada de legendas e narração em Português. Nesse caso, há a dublagem em Língua Portuguesa (figura 63).



Figura 63: Frame Gera Mundos – Descoberta

Fonte: TV Ines

Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/?p=2461>>

Nos momentos em que é preciso ilustrar algo que foi dito, como por exemplo, o teste da orelhinha realizado no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), é colocada uma imagem acompanhada de uma trilha sonora. Para que o surdo saiba que está tocando uma música, um símbolo musical é colocado no espaço da legenda (figura 64). Nesses casos, as imagens sem o Português ou a Libras não são longas, evitando a dispersão do telespectador.



Figura 64: Frame Gera Mundos – Descoberta

Fonte: TV Ines

Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/?p=2461>>

Com esses exemplos, é possível notar uma clareza nas imagens e nas informações repassadas no programa, sempre de forma acessível tanto para o surdo, na utilização da Língua Brasileira de Sinais, quanto para o ouvinte, na legenda e narração em Língua Portuguesa. A linguagem torna-se interessante ao transmitir as mensagens de forma completa, tanto em relação às línguas quanto às imagens relacionadas aos assuntos abordados. Além disso, a capacidade de comunicação é convincente, visto que todos os depoimentos e traduções são feitos diretamente para a câmera.

Sobre os operadores na análise de Modos de Endereçamento, é difícil analisar o mediador (a) pois este não é um programa jornalístico televisivo, que contaria com apresentadores ou âncoras, comentaristas, correspondentes, repórteres e etc. Por ter um formato semelhante a documentários, é possível considerar a relação de vários mediadores com o telespectador. Nesse caso, tanto intérprete quanto entrevistados teriam esse papel e, visto que sempre se posicionam de frente para a câmera com posturas semelhantes, pode-se observar que esse fator contribui para transmitir maior credibilidade do programa, estreitando laços de quem fala com quem assiste - uma característica um tanto olho-no-olho do discurso televisivo.

Em relação à temática, organização das editoriais e proximidade com a audiência, (b) o Gera Mundos é bem estruturado nos assuntos que aborda. É possível notar a preocupação de

trazer especialistas e pessoas que tenham relação com determinado tema, em programas relativamente longos, de em média 30 minutos, sem intervalos, capazes de esclarecer e entreter a audiência. Os relatos são sempre ligados à cultura surda, humanizando as pautas e aproximando a TV da comunidade. Assim, também é possível observar o pacto sobre o papel do jornalismo (c) neste programa, observando as apostas da TV Ines e do Ines sobre os interesses do telespectador na escolha dos temas, já que “o pacto que é assumido pelo programa está diretamente ligado ao que o programa acredita ser o que a audiência que pretende conquistar entende como sendo parte da função do jornalismo” (PEIXOTO, 2005, p.48). Através de entrevistas investigativas, o programa estabelece uma forte troca comunicativa entre emissor e receptor.

Já através do contexto comunicativo (d), é possível observar o uso do texto e o modo como os emissores se apresentam a seus receptores. Ainda segundo Peixoto (2005, p. 53), “o contexto comunicativo traduz o juízo de valor que o programa assume como referência e que, ao tomá-lo como parâmetro, posiciona o receptor como aquele que partilha da escolha realizada ou, de modo subliminar, o orienta a adotá-la.” Apesar de não impor o que é certo ou errado, nos depoimentos, o emissor fala sobre si mesmo, conta suas histórias e, assim, o Gera Mundos dá voz a pessoas comuns, em quem o telespectador se espelha e, conseqüentemente, torna-se capaz de formar uma opinião sobre o assunto.

Por ser gravado e não ser um telejornal, o programa não exhibe redações como pano de fundo, estratégia muito utilizada como recurso técnico a serviço do jornalismo (e), para que o telespectador atue como uma espécie de cúmplice da produção jornalística. Por outro lado, as escolhas das locações das entrevistas também aproximam o telespectador, pois são cenários da vida real, onde o receptor pode se identificar com o conteúdo. Sobre o operador recursos da linguagem televisiva (f), são inúmeros os recursos de imagem utilizados para captar a atenção do telespectador neste programa, seja ele surdo ou ouvinte – embora tenha-se em mente que o público-alvo é surdo. A própria vinheta, por exemplo, é toda relacionada ao mar, gerando uma sensação de leveza, pois a proposta do programa é ser leve, levando informação, mas de uma forma voltada também a entreter (figura 65). São inúmeros também os enquadramentos e as imagens de apoio, complementares aos depoimentos, a fim de contemplar o assunto em sua totalidade.



Figura 65: Frame Gera Mundos – Descoberta

Fonte: TV Ines

Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/?p=2461>>

Os formatos de apresentação da notícia (g) em telejornais “dão importantes pistas sobre o tipo de jornalismo realizado pelos programas e, em certa medida, deixam transparecer o investimento da emissora na produção da notícia” (GOMES, 2004, p.94). Quando se tratam de notas simples, por exemplo, mostram a baixa importância em recursos que a emissora dá ou o pouco tempo para produzir um material mais completo. No caso do Gera Mundos, há um visível intenso envolvimento para produção de seu conteúdo. Aliado aos outros operadores, como os recursos televisivos, o programa tem inúmeras locações, especialistas no assunto, edição conectando imagens, mostrando que a apresentação do material é de qualidade e pensada com tempo e recursos.

Para Peixoto (2005), o tempo e a importância dada às fontes, sejam elas oficiais ou populares, expressam a escolha de endereçamento do programa e sinalizam a orientação para a sua leitura. Essa relação com as fontes de informação (h), dependendo da abordagem, mostra o compromisso ideológico, bem como a abordagem e a credibilidade do programa de determinada forma. No Gera Mundos, apesar de especialistas serem entrevistados, é o cidadão comum quem mais se destaca, expressando sua opinião e compartilhando suas histórias. É através da humanização do relato que ele legitima o valor-notícia e cria uma referência de identificação com o público em geral.

4.1.3 Cunho educativo e pedagógico

Nesta categoria, são listados programas cuja produção e execução são de responsabilidade da TV Ines, ou seja, programas considerados próprios e não adaptados, assim como na categoria anterior, cuja idealização é da TV e do Ines, em conjunto. Os dez

programas listados, a seguir, são pensados por surdos e ouvintes, tanto do veículo de comunicação como do Instituto, e transmitidos em Língua Brasileira de Sinais, com áudio e legendas em Língua Portuguesa.

Alguns dos programas abaixo possuem vídeos extremamente didáticos, gravados visivelmente com o objetivo de ensinar. Outros são temáticos, que podem ter sido criados não com finalidades instrucionais específicas, mas que desempenham funções pedagógicas relevantes, auxiliando na compreensão de processos e conceitos da e na comunidade surda. Nesse cenário, eles foram incluídos na categoria de produção de programas de cunho educativo e pedagógico. Assim como nas outras duas categorias, após uma breve explicação dos programas, com base nas informações presentes nas sinopses disponíveis no portal da TV Ines, a fim de contextualizar a pesquisa, um deles, considerado de maior relevância levando em conta o número de visualizações, será analisado de acordo com a metodologia desta pesquisa.

4.1.3.1 A História das Coisas

A série A História das Coisas é apresentada pela jornalista surda Fabíola Saudan e dirigida por Carolina Sá. Em episódios de cinco minutos, o programa apresenta curiosidades como a história do aplauso, o surgimento do chocolate, a invenção da pipoca e como foi criada a pizza, por exemplo (figura 66).



Figura 66: A História das Coisas – Pizza

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=16893>

A proposta tem por objetivo fazer com que surdos se apropriem de conhecimentos sobre a história das coisas que fazem parte da vida cotidiana. Em 15 episódios, as curiosidades são apresentadas em Libras, com legendas e áudio em Português.

4.1.3.2 A Vida em Libras

Em A Vida em Libras, o surdo Heveraldo Ferreira mostra sinais em Libras e curiosidades da vida cotidiana (figura 67). Para falar de cultura, esportes, educação, gastronomia e situações do dia-a-dia, o programa utiliza recursos como animações – além das locuções e legendas em Língua Portuguesa.



Figura 67: A Vida em Libras – Especial Aedes Aegypti

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=11431>

No episódio observado, a temática *Aedes Aedypti* (figura 68) foi apresentada em uma exposição na Casa da Ciência no Rio de Janeiro, contextualizando melhor o assunto. Além dos sinais específicos do tema, foram ensinadas questões sobre o mosquito, como por exemplo, sua reprodução e existência. Além do apresentador e de imagens da exposição, vídeos também foram apresentados.



Figura 68: A Vida em Libras – Especial Aedes Aegypti

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=11431>

4.1.3.3 Cinemão

Em Cinemão, filmes com legendas descritivas em português, bem como outros tipos de produtos audiovisuais, são apresentados pelo surdo Áulio Nóbrega (figura 69). A programação passa por todos os gêneros cinematográficos, incluindo documentários premiados e animações. Ao final de cada sessão, o apresentador desafia o público com perguntas instigantes para que haja a possibilidade de interatividade, através de comentários sobre os filmes em redes sociais.



Figura 69: Cinemão – A Ciência do Bem e do Mal

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=337>

No episódio observado, por exemplo, o curta-metragem de animação A Ciência do Bem e do Mal (figura 70) apresenta uma narrativa que inverte a história da Bíblia: o mundo foi criação do Diabo e Deus apenas consertou suas falhas. Assim, Adão e Eva nasceram do Tinhoso, mas o toque divino lhes deu alma e levou-os ao Paraíso. Inconformado, o Diabo convoca a serpente a tentar Adão e Eva com o fruto proibido, aquele que revelaria o próprio segredo da vida. O final surpreende e mostra a ironia marcante na obra de Machado, na adaptação do conto ‘Adão e Eva’. Quando o apresentador apresenta o conteúdo em Libras, posiciona-se de frente para a câmera, com áudio e legenda em Português.



Figura 70: Cinemão – A Ciência do Bem e do Mal

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=337>

4.1.3.4 Piadas em Libras

Também comandado pelo ator surdo Áulio Nóbrega, o programa Piadas em Libras traz leveza e bom-humor para a programação da TV Ines (figura 71). Caracterizado como um dos personagens das piadas contadas, o apresentador interpreta as anedotas em Libras, que podem ser compreendidas por ouvintes e surdos, graças à locução e às legendas que acompanham a ação.



Figura 71: Piada em Libras – Corrida

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=123>

Outros surdos aparecem como atores para contextualizar o porquê do surgimento da piada, mas quando Áulio vai contar a anedota, ele aparece sozinho em outro local. No programa observado, um corredor surdo larga junto com os atletas ouvintes, mas sempre fica para trás por não ouvir o tiro - até que alguém tem uma ideia genial para a hora da largada (figura 72).



Figura 72: Piada em Libras – Corrida

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=123>

4.1.3.5 Manuário

O Manuário é um programa que visa apresentar novos itens lexicais em Libras, com a apresentação da professora Vanessa Pinheiro (figura 73). A proposta é servir como um dicionário visual acadêmico bilíngue, já que a apresentadora ensina em Língua Brasileira de Sinais, com locução e legendas em Língua Portuguesa. O programa é fruto de uma pesquisa desenvolvida pela equipe do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Desu/Ines).

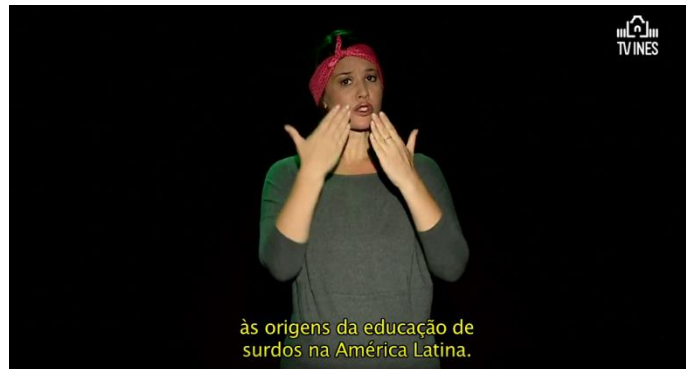


Figura 73: Manuário – E. Huet

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=333>

A cada episódio são apresentadas curiosidades e histórias sobre a vida de filósofos, pensadores e personalidades marcantes, a fim de auxiliar estudantes surdos, ouvintes e intérpretes, na leitura e aprendizado dos sinais de cada personagem. O episódio observado ensina o sinal de E. Huet, o francês que criou as primeiras instituições oficiais de ensino para surdos no Brasil e no México, influenciando as línguas de sinais nesses dois importantes países da América Latina (figura 74).

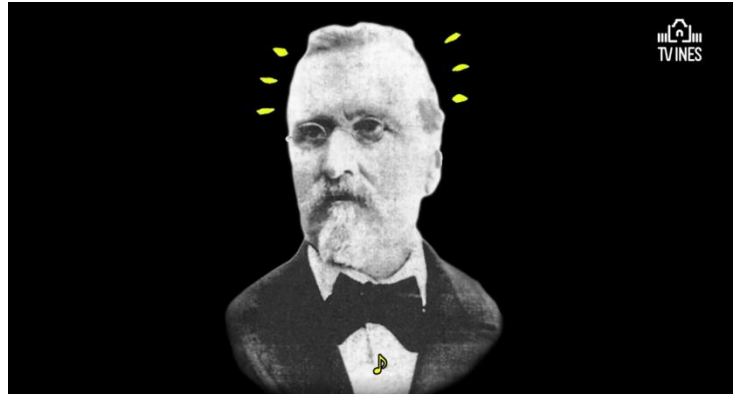


Figura 74: Manuário – E. Huet

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=333>

4.1.3.6 Contação de Histórias

A série Contação de Histórias tem por objetivo tornar acessível a literatura infantil e juvenil, tantas vezes escritas e pensadas por e para ouvintes, para a comunidade surda de todas as idades. Cada animação contempla autores e ilustradores nacionais traduzidos em Língua Brasileira de Sinais, com legenda e locução em Língua Portuguesa (figura 75).

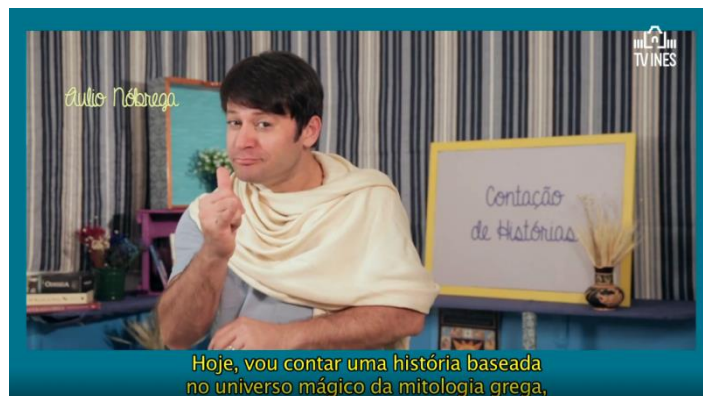


Figura 75: Contação de Histórias – Zeus

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=16877>

No episódio observado, o ator surdo Áulio Nóbrega conta a trajetória de Zeus, visto como o mais célebre personagem da mitologia grega e verdadeiro símbolo de força e poder.

4.1.3.7 Centro de Apoio aos Surdos

Este programa é uma série que mostra o trabalho do Centro de Apoio aos Surdos de todo o Brasil e sua participação no II Encontro de CAS, que aconteceu no Ines, em maio de

2013. O programa conta com entrevistas traduzidas por uma intérprete de Libras, com legendas e locução em Português (figura 76).



Figura 76: Centro de Apoio aos Surdos – Região Sul

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=1438>

Além da intérprete, gráficos também são colocados para ilustrar a narração. O episódio observado fala dos Centros de Apoio aos Surdos da Região Sul do Brasil (figura 77).

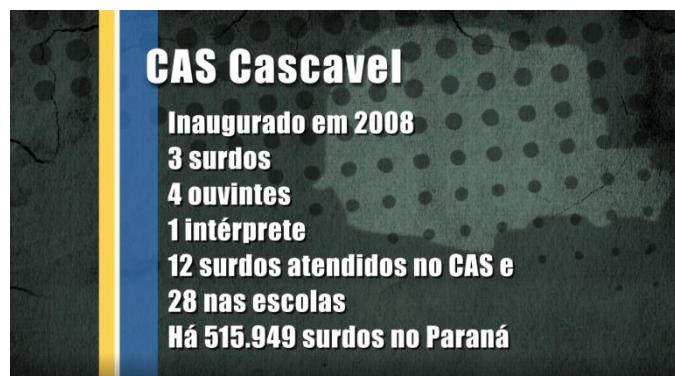


Figura 77: Centro de Apoio aos Surdos – Região Sul

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=1438>

4.1.3.8 Diário de Bel

O Diário de Bel é uma das produções mais recentes da TV Ines (figura 78). Até o fechamento deste trabalho, apenas um episódio estava disponível e, nesse episódio de abertura da série, a personagem Bel vai conhecer seu famoso tio Tobias, de quem sempre só ouviu falar (figura 79). Eles conversam sobre as relações familiares e os sinais em Libras de mãe, pai, filho, primo, tio, entre outros (figura 80).



Figura 78: Diário de Bel – Família

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=17181>



Figura 79: Diário de Bel – Família

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=17181>

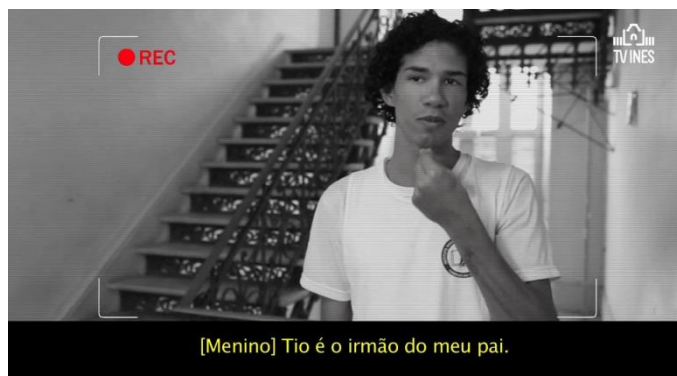


Figura 80: Diário de Bel – Família

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=17181>

De forma divertida, Bel conta sua história como se estivesse escrevendo em seu computador, mas em um enquadramento nela, falando em Libras, como se estivesse pensando em voz alta. Quando encontra seu tio, também conversam em Libras. Além disso, outros depoimentos de outros jovens aparecem falando sobre o assunto do episódio. Tudo tem locução e legendas em Português.

4.1.3.9 Baú do Tito

Assim como o Diário de Bel, o Baú do Tito também conta com encenação de crianças. Na história, o personagem principal embarca com sua amiga imaginária, a mesma Bel do programa anterior, em uma aventura interplanetária (figura 81). Os heróis viajam desde o Sol até a Lua, descobrindo algumas curiosidades sobre os corpos celestes mais próximos da Terra (figura 82).



Figura 81: Baú do Tito – Viagem Espacial

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=17178>



Figura 82: Baú do Tito – Viagem Espacial

Fonte: TV Ines

Disponível em: <http://tvines.ines.gov.br/?page_id=17178>

Quando as crianças viajam na imaginação, o cenário é alterado. Elas conversam em Língua Brasileira de Sinais, mas todo o conteúdo é traduzido para a Língua Portuguesa, com locução e legendas.

4.1.3.10 Aula de Libras

Assim como os nove programas citados anteriormente, o Aula de Libras também é uma produção da TV Ines. Como o objetivo principal do programa é ensinar a Língua Brasileira de Sinais, seja para surdos ou ouvintes, seu gênero pode ser considerado educativo-cultural (GAMBARO, 2012) e, portanto, enquadra-se na categoria de cunho educativo e pedagógico. Em relação ao formato, é possível dizer que se parece com um telecurso, composto por várias tele-aulas e que podem ser definidas como “programas que visam explicar e/ou ensinar ao espectador um conteúdo de uma disciplina ou uma atividade” (GAMBARO, 2012, p. 28). Ao mesmo tempo, no entanto, os episódios transcendem o formato de ensino semelhante àqueles presentes na maioria das salas de aula, envolvendo dramaturgia e locações especiais, com uma linguagem diferente e atrativa aos espectadores, de forma semelhante ao programa A Vida em Libras.

Ao longo do programa, o apresentador Heveraldo Ferreira, um surdo que exerce o papel de professor no vídeo, ensina passo-a-passo os sinais básicos para se comunicar, a partir do vocabulário de temas relevantes e essenciais para a comunicação, como por exemplo, família, escola, dias da semana, meios de transporte e cultura (figura 83). Ao falar em Libras, simultaneamente, ocorrem as legendas e a narração em Português.



Figura 83: Aula de Libras – Animais e Classificadores

Fonte: TV Ines

Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/?p=708>>

Além disso, diálogos encenados por outros dois homens surdos que integram a equipe da TV Ines (Áulio Nóbrega e Renato Nunes) acontecem ao longo do programa para melhor explicar o conteúdo (pauta) – escolhido de acordo com o momento e a necessidade observada (figura 84).



Figura 84: Aula de Libras – Animais e Classificadores

Fonte: TV Ines

Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/?p=708>>

O episódio analisado do programa tem 11 minutos, foi publicado em 17 de outubro de 2013, teve 36145 visualizações até a conclusão deste trabalho e fala sobre animais e classificadores – no programa, descritos com sinais que mostram como uma ação acontece usando a expressão corporal. No portal, sua categoria é Aula de Libras e as tags, ou palavras-chave utilizadas foram: animais, aula, classificadores, cobra, jacaré, leão, macaco, sinais.

Para melhor contextualizar o tema, a aula é gravada em um zoológico, onde o apresentador e os dois personagens da narrativa se encontram. Quando o animal aparece sozinho na tela, para ilustrar o conteúdo, o som do mesmo é colocado em cena e o barulho é transcrito para a legenda em Português. No caso do jacaré, por exemplo, aparece entre colchetes a denominação Brumido, para representar o som do animal (figura 85).



Figura 85: Aula de Libras – Animais e Classificadores

Fonte: TV Ines

Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/?p=708>>

Além dos animais selvagens presentes no episódio, o professor Heveraldo também ensina sinais em Libras de animais domésticos. Para isso, o programa utiliza ilustrações. No caso de um cachorro, por exemplo, o cenário ainda é o zoológico, no entanto, a tela é dividida

e uma foto de um cachorro é colocada ao lado esquerdo, sempre enfatizando o apresentador ao lado direito (figura 86).



Figura 86: Aula de Libras – Animais e Classificadores
 Fonte: TV Ines
 Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/?p=708>>

Todos esses recursos tornam a mensagem muito mais clara ao surdo, fazendo com que o conteúdo seja acessível e interessante. O fato de todos os homens que aparecem no vídeo serem surdos usuários da Libras, também torna a capacidade dos comunicadores de repassar a informação, nessa língua, ainda mais clara ao público.

Em relação aos operadores na análise de Modos de Endereçamento, fica claro o papel do apresentador Heveraldo como mediador (a). É ele a “cara” do programa, quem media as conversas, conduz o roteiro e ensina - além de ficar visível o elo que quer construir com o telespectador em sua fala. Fica clara, também, a familiaridade do surdo com o conteúdo e, ao longo dos episódios, consolida sua credibilidade como profissional ao passar as informações, deixando clara a intenção didática da proposta. É aquele que Peixoto (2005, p.51) chama de apresentador intérprete, figura que surge como “produto de uma certa performance no cenário do estúdio ou no palco do acontecimento, uma aplicação bastante comum no telejornalismo, orientada, inclusive, pelos manuais de telejornalismo”.

Sobre a temática, organização das editorias e proximidade com a audiência (b), a própria maneira como o mediador se porta e os recursos utilizados mostram que os temas, em cada episódio, são sólidos e específicos, direcionados ao telespectador e organizados de forma didática, apostando em assuntos relativamente simples do cotidiano para melhor ensinar. Isso acaba também afetando em outros operadores, como o pacto sobre o papel do jornalismo (c) que, nesse caso, é o da conversação social, permitindo ao programa assumir uma posição mais leve dentro dos interesses da audiência. Assim, no Aula de Libras, “o caráter informativo de relato dos acontecimentos é conformado com a missão predominante de alimentar a

conversação cotidiana que visa à formação da opinião pública sobre a realidade social” (PEIXOTO, 2005, p. 49).

Ao falar do contexto comunicativo (d) e, logo, analisando as circunstâncias espaciais e temporais em que ocorre o processo comunicativo, é explícita a maneira como o emissor se dirige ao receptor, de forma a esperar uma certa interatividade. Os espaços físicos também querem chamar a atenção e trazer o telespectador para o contexto, a fim de que ele aprenda lidando com as situações cotidianas. Para que isso ocorra de forma satisfatória, utiliza os recursos técnicos a serviço do jornalismo (e) como o uso de imagens na tela, vinheta própria e condizente com a temática do programa, além de gravações em locações físicas reais, como o zoológico, por exemplo. Tais elementos contribuem para legitimar e expressar autenticidade na abordagem do relato.

Ainda nesse contexto, destacam-se os recursos da linguagem televisiva (f), como por exemplo, a edição dinâmica e os diferentes enquadramentos ao longo dos programas, ora em plano americano (da cintura pra cima), quando o apresentador fala apenas com o público, ora em plano médio (de corpo inteiro com o cenário de fundo), nas atuações dos personagens, ora em plano geral (pessoa de corpo inteiro com a exibição de objetos do cenário), dependendo da palavra a ser ensinada ou da atuação. Para Peixoto (2005, p.57):

Estes elementos integram um modo particular de endereçamento à audiência que, mesmo sem reconhecer a especificidade técnica desses movimentos, pode construir uma certa competência a partir das pistas dos significados destes planos e enquadramentos ao perceber, por exemplo, que nos relatos em que é valorizada uma declaração mais pessoal o rosto da pessoa cresce na tela da televisão, resultado do close.

Por ser um programa educativo, sem entrevistas nem notícias, torna-se difícil analisar os operadores formatos de apresentação da notícia (g) e relação com as fontes de informação (h). No entanto, é possível relatar que a complexa produção desse programa, aliando outros operadores, como a quantidade de recursos e o dinamismo em sua apresentação, com atuações e locações diferentes a cada episódio, acaba deixando transparecer a relevância na apresentação e produção do conteúdo, bem como é possível observar que o próprio mediador acaba aceitando o papel de principal e fiel fonte do telespectador que assiste a esse programa.

4.1.4 Transcende a grade bilíngue – Boletim – Primeira Mão

Assim como todos os programas das duas últimas categorias, o Boletim também é criação e produção da TV Ines. No entanto, ele surge como um produto vinculado ao

programa Primeira Mão. Por isso, primeiramente, serão apresentados fatores importantes relacionados à sua origem. O Primeira Mão é um telejornal bilíngue, acessível aos públicos surdo e ouvinte e busca apresentar, semanalmente, as principais notícias do Brasil e do mundo, informando e contextualizando o telespectador a respeito de assuntos que permeiam diversas áreas, com por exemplo, política, economia, variedades, serviços, curiosidades e dicas sobre lazer e cultura.

Por ser um telejornal veiculado em Língua Brasileira de Sinais, com locução e legendas em Língua Portuguesa, é bastante valorizado pela equipe que o produz, especialmente os surdos, que falaram sobre sua relevância nas entrevistas realizadas para este trabalho. Para o entrevistado 4, esse tipo de programa é extremamente importante porque, antes da TV Ines, o surdo não tinha acesso a muitas notícias na televisão. “Os ouvintes tinham e o surdo? Ia crescendo e não tinha essas informações... Então a gente ficava perguntando pra família o que estava passando na televisão...” (entrevistado 4, surdo que atua na TV Ines).

O programa é gravado em um estúdio na sede da TV e conta com dois apresentadores: Áulio Nobrega e Clarissa Guerreta. No espaço, os dois apresentadores dividem a apresentação em frente a um cenário cinza, onde posteriormente, na edição, são colocadas imagens referentes aos textos apresentados (figura 87).



Figura 87: Gravação Primeira Mão.
Fonte: Acervo Pessoal;

Os roteiros elaborados antes da gravação são feitos em Português e traduzidos para Glosa, que pode ser considerada “uma interlíngua escrita em português do texto em Libras que confere suporte ao procedimento de tradução” (SOUZA, 2010, p. 19). De forma simples, é uma espécie de tradução escrita em Português dos sinais da Libras, com uma estrutura de

língua semelhante a essa última. Assim, o texto é colocado em um teleprompter (TP)²² e lido pelos apresentadores. Em alguns casos, o apresentador pode gravar o texto previamente em Libras e utilizar o TP em Libras, no entanto, como leva mais tempo, o TP em glosa é preferido pela equipe.

Durante a gravação, enquanto os apresentadores surdos gravam em Libras, no canto do estúdio uma pessoa lê o texto, simultaneamente, em Língua Portuguesa. Essa gravação não é a dublagem final, mas serve para auxiliar o editor ouvinte a conciliar imagens, apresentação e texto. A título de curiosidade, no dia em que a gravação do programa foi acompanhada, além dos dois apresentadores e esse locutor, estavam presentes no estúdio dois cinegrafistas, uma pessoa para passar o texto do TP e uma intérprete. Frequentemente, as gravações eram interrompidas por produtores e roteiristas do programa.

Sobre o planejamento do programa, nas segundas-feiras, a equipe se reúne para debater as pautas - sempre pensando em assuntos atuais e no interesse da comunidade surda. Depois é feito um roteiro para, na terça-feira, ocorrerem as gravações. Logo, o programa passa pelo processo de edição, com a inserção de legendas e dublagem em Português. Na quinta-feira, às 19h, o programa vai ao ar. Por ser uma produção complexa, de em média 15 minutos, e devido ao fato do programa ir ao ar apenas uma vez por semana, a equipe, em especial os surdos, decidiram criar uma extensão do Primeira Mão: o Boletim.

No jornalismo, o termo boletim refere-se a “um resumo de um fato gravado pelo próprio repórter no local do acontecimento, depois de ele ter checado as primeiras informações” (PATERNOSTRO, 1999, p.137) e é essa a ideia que se quer passar no formato apresentado pelo Boletim – Primeira Mão (figura 88).



Figura 88: Frame Vinheta Boletim – Primeira Mão.

Fonte: TV Ines

Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/?p=15125>>

²² O Teleprompter ou TP é o “aparelho que permite a reprodução do script sobre a câmera, facilitando a leitura do apresentador” (PATERNOSTRO, 1999, p. 151).

O Boletim tem por objetivo principal contemplar os desdobramentos das notícias da semana, atualizando o público sobre as informações factuais, por vezes veiculadas pelo programa Primeira Mão (figura 89). Ele surgiu como demanda dos próprios surdos que trabalham na TV Ines, considerando a necessidade de manter os surdos mais informados sobre fatos que acontecem no Brasil e no mundo. O público-alvo desse programa é o surdo e, diferente dos outros programas – inclusive do Primeira Mão – ele é roteirizado, apresentado e editado apenas por surdos e não por uma equipe mista de surdos e ouvintes. Inicialmente, a proposta era aprimorar e atualizar notícias abordadas na programação, principalmente do Primeira Mão, nas redes sociais da TV Ines. No entanto, a ideia teve resultado positivo e foi incorporada ao site, em uma seção própria. Por adquirir essa independência da programação e, principalmente, por nem sempre ser traduzido para o Português, o Boletim é classificado neste trabalho como um programa que transcende a grade bilíngue.



Figura 89: Print Página Inicial TV Ines

Fonte: TV Ines (Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/>>)

Assim como o Primeira Mão, o Boletim pertence ao gênero informativo-noticioso, pois tem a intenção principal de informar o seu público e segue o formato de noticiário (GABARO, 2012). A frequência e a escolha dos assuntos (pauta) surgem conforme a necessidade observada pela equipe que o produz, tornando-se extremamente relevante para a TV Ines, visto que busca constantemente atualizar o conteúdo. Ele não recebe a dublagem em Português e a legenda, quando inserida, é produzida a partir da tradução direta da Libras e não do áudio em Português, como nos outros programas da grade. O Boletim é geralmente gravado na redação da TV e não no estúdio, também para agilizar o processo de produção e edição (figura 90). São programas curtos de, em média, dois minutos, onde o apresentador

surdo fica de frente para a câmera, sem TP. Em alguns casos, textos em glosa são impressos em um papel e segurados pela pessoa que grava o Boletim, a fim de auxiliar o apresentador.



Figura 90: Boletim – Surdo Olimpíada.

Fonte: TV Ines

Disponível em: < <http://tvines.ines.gov.br/?p=15125>>

Para esta seção, foi analisado o episódio publicado em 8 de fevereiro de 2017, com duração de um minuto, que fala sobre a Surdo Olimpíada. Até a elaboração deste trabalho, ele contava com 730 visualizações, inserido nas categorias do portal: Boletim, Informação, Primeira Mão, sem tags ou palavras-chave. Como na maioria das vezes não existem imagens ilustrativas no programa, exibindo apenas a apresentadora ou o apresentador, é ressaltada a capacidade dos surdos de se comunicar em Libras em frente à câmera, tornando as informações claras. Em relação à acessibilidade, quando inserida a legenda, o programa é acessível a pessoas que utilizam a Libras e o Português. Por ser curta e direta ao repassar as informações, a linguagem do programa é adequada na sua intenção de transmitir informações em sua totalidade aos surdos.

Nesse programa é mais razoável utilizar os operadores na análise de Modos de Endereçamento do que nos outros, já que a proposta assemelha-se a telejornais e surge, inclusive, como um desdobramento do telejornal da TV Ines, o Primeira Mão. O mediador (a) aqui é a apresentadora surda, que interpela diretamente a audiência em Libras e de frente para a câmera, a fim de construir credibilidade com público - em especial, a comunidade surda. Assim, a apresentação acaba se tornando estratégica para a identificação com o público surdo. Também é possível classificá-la como uma apresentadora moderna, já que em decorrência da própria Libras, utiliza-se de um complexo sistema gestual e não apresenta de forma rígida, de modo que apresentadores assim “se por um lado modalizam o que é dito verbalmente, constroem, por outro, o laço com o telespectador” (PEIXOTO apud VERÓN, 2005, p.51).

Em relação à temática, organização das editorias e proximidade com a audiência (b), ao separar os programas por temas, percebe-se que os fatores organização e escolha dos assuntos estão diretamente ligados ao cuidado que se quer ter na apuração e atualização dos fatos, visto que muitos já foram abordados de forma mais ampla, previamente, no telejornal semanal Primeira Mão, despertando, assim, o interesse do telespectador pelas novidades. No caso do episódio observado, por exemplo, os surdos ficam atualizados sobre esportes e em como participar de uma olimpíada especificamente criada para surdos.

No Boletim, o pacto sobre o papel do jornalismo (c) também é de uma conversação social, visto que não há entrevistas e o programa busca informar e entreter a comunidade surda. Já no contexto comunicativo (d), a posição desenvolta e à vontade da apresentadora mostra de que maneira o programa quer repassar o texto jornalístico, de forma familiar e próxima do telespectador, compartilhando daquele código. Já no operador recursos técnicos a serviço do jornalismo (e), o cenário de redação mostra a intenção do programa de compartilhar o espaço de produção de conteúdo com o telespectador, dando credibilidade às informações e aproximando o receptor das mensagens.

Sobre os recursos da linguagem televisiva (f), a vinheta do programa é a mesma do Primeira Mão, enfatizando que uma proposta é ligada a outra e compartilham de objetivos semelhantes. No entanto, diferem entre si em relação à utilização de recursos de filmagem, edição e montagem de imagem e de som, visto que o Primeira Mão é produzido e executado por toda a equipe da TV Ines e o Boletim, apenas pelos surdos que ali trabalham. Isso também influencia no processo final, visto que o Boletim não recebe locução e, algumas vezes, também não recebe legendas e é gravado com uma câmera simples, como a de celulares.

Nos formatos de apresentação da notícia (g), ela é geralmente dada pela apresentadora e sem imagens (exceto em alguns casos - que não o do episódio observado – quando a notícia recebe imagens na lateral da tela e o programa é gravado no mesmo cenário do Primeira Mão). Nesse operador, é possível observar a intenção de objetividade do programa em repassar as informações através da forma e do tempo em que são dadas as notícias, de forma mais sucinta e objetiva. No caso da relação com as fontes de informação, ela apenas existe nos bastidores, na busca pelas informações, pois não é apresentada de forma explícita ao público, transferindo toda a atenção e credibilidade a quem apresenta o programa.

5 Considerações Finais

Depois de expostas as análises desta pesquisa, é possível fazer algumas reflexões. Como ouvintes, somos bombardeados diariamente com informações, mesmo que sem querer, em conversas de ambientes públicos e privados, ou através dos meios de comunicação. Aos surdos, esses ambientes comunicativos, muitas vezes, são restritos, por eles não escutarem ou por não terem acesso à língua de sinais. Muitos desses surdos são filhos de pais ouvintes que não sinalizam e essa restrição da língua visual durante o crescimento acontece, também, nos espaços escolares. Assim, o surdo, na maioria das vezes, é privado de se comunicar. Por essa razão, é preciso entender que o compartilhamento de mensagens e informações é um importante valor cultural dos surdos, em um mundo repleto de não-surdos e que não sinalizam (HOLCOMB, 2011). É através dessa comunicação que os surdos vão se constituindo como sujeitos.

A cultura surda tem na sua língua de sinais mais forte conotação de identidade. Os surdos se reconhecem e são reconhecidos pelas suas línguas de sinais. Diferentes entre si, correspondendo aos diversos países em quais pertencem, elas constituem um fator poderoso de identificação entre as muitas culturas surdas por sua modalidade espaço-visual. Pertencer à cultura surda implica em dominar, em maior ou menor grau, a língua de sinais que caracteriza o grupo ao qual aquele surdo se integra (CAMPOS, STUMPF, 2012, p. 177).

É preciso, dessa forma, repensar o papel e as produções dos meios de comunicação para esse público, em especial a televisão, devido a sua linguagem visual. No Brasil, a programação televisiva, principalmente em canais abertos, em sua maioria não mostra a Língua Brasileira de Sinais e carece de intérpretes de Libras, seja nos programas de entretenimento ou naqueles voltados à informação. De modo geral, não há espaço visível para surdos nem como protagonistas na produção desse conteúdo - seja na busca por material a veicular em telejornais ou até mesmo na apresentação de notícias - nem como roteiristas e personagens de programas de ficção, por exemplo. Há carência em mostrar a língua e a cultura dos surdos na televisão, como também em possibilitar sua participação como atores ativos nesses processos de construção de conteúdo audiovisual no país.

No entanto, novas possibilidades de comunicar têm surgido através da tecnologia. A convergência de mídias faz com que, atualmente, diversos meios de comunicação possam se

adaptar à internet e a minorias, como a comunidade surda. Nesse contexto, a TV Ines surge como uma importante ferramenta capaz de informar e entreter o público surdo, bem como ajudá-lo a tornar-se protagonista na elaboração e produção de conteúdo para o canal na Web. Ela é uma importante e inovadora ferramenta pública e acessível, aberta a novas possibilidades de construção de conhecimento e valorização tanto da língua quanto da cultura surda no Brasil, que atende, ainda, o público ouvinte na internet.

Neste trabalho, pôde-se observar que os programas analisados são pensados e produzidos por equipes mistas, tornando o conteúdo acessível a ouvintes e surdos, mesmo que o público-alvo seja esse último. Isso mostra que é possível construir em conjunto materiais de qualidade e de interesses comuns, além de abrir portas para novos caminhos e ideias que podem ser replicadas em tradicionais canais de comunicação e, da mesma forma, orientar iniciativas privadas que podem surgir na internet, seja em mídias em formatos de televisão ou outras, seja como blogs pessoais e sites de vídeos. A TV Ines, mais do que uma TV estatal bilíngue é um convite à empatia, à reflexão do local de pertencimento do outro e à constatação de que os indivíduos podem tornar-se plurais ao construir meios de comunicação acessíveis a minorias.

A linguagem da TV Ines, por sua vez, voltada aos surdos, torna muitos conteúdos claros que antes não eram compreendidos ou traduzidos a essa minoria linguística, como aqueles ligados à saúde, educação e política. Em constante adaptação e transformação, os programas da TV do Instituto Nacional de Educação de Surdos não têm como objetivo principal ser um canal educativo e pedagógico, no entanto, acabam cumprindo esse papel e vão ainda mais longe. Além de ensinar e propagar a língua, constatou-se nas entrevistas realizadas que, durante a produção e veiculação dos programas, os surdos sentiram a necessidade de criar novos sinais, ampliando o vocabulário da Libras e, conseqüentemente, tornando a TV Ines uma importante promotora da Língua Brasileira de Sinais no país e no mundo, devido ao seu alcance na internet.

Considerando que língua e cultura não podem ser dissociadas, é visível também que a TV Ines é capaz de auxiliar na construção das identidades dos sujeitos surdos que a assistem, bem como na dos que nela trabalham. É nesse ambiente, onde há o protagonismo surdo tanto na elaboração quanto na recepção do conteúdo, que as relações de poder se modificam e acabam por contribuir para encerrar o processo vicioso presente na hegemonia ouvinte no Brasil. Importante ressaltar, conforme exposto no capítulo 4, que tal protagonismo pode ser melhor observado através dos operadores na análise de Modos de Endereçamento. Analisar o surdo ou o intérprete como mediador dos programas, por exemplo, é fundamental para novos

formatos de apresentação na televisão brasileira. Da mesma forma, as escolhas feitas em relação à temática, à organização das editoriais e à proximidade com a audiência mostram a importância do papel da comunidade surda na TV Ines. Além disso, outro exemplo que enfatiza o protagonismo surdo é o contexto comunicativo dos programas, bem como os recursos técnicos e de linguagem televisiva utilizados no objeto de estudo desta pesquisa.

Outro fator interessante observado é o uso das ferramentas interativas, presentes tanto no modo de assistir a TV quanto em suas redes sociais, também permitem ampliar o poder de fala dos surdos no país, fazendo com que ele possa participar da construção de um ambiente ligado a suas língua e cultura. Ao longo desse trabalho, muitos programas e propostas surgiram nessa TV, mostrando também que ela vem crescendo em conteúdo e qualidade, preocupando-se com o modo como isso é produzido por e para surdos.

É evidente que é preciso ainda aprofundar a análise das produções da TV Ines, até mesmo para acompanhar o seu crescimento, desenvolvimento e evolução, bem como instigar questionamentos e sugerir algumas mudanças. Com esta pesquisa, por exemplo, pôde-se observar que a TV ainda possui poucos mecanismos que investiguem como o conteúdo vem sendo compreendido pelos surdos fora do ambiente que a produz. Mesmo com as ferramentas que lhe proporcionam interatividade, ainda são poucos os estudos realizados pela própria mídia para analisar a recepção de seu conteúdo tanto pelos surdos quanto pelos ouvintes. Além disso, torna-se necessário problematizar questões de currículo no sentido de capacitar os seus apresentadores e comunicadores na área de comunicação – visto que, durante a visita à instituição, apenas um surdo da equipe era jornalista por formação.

Este trabalho, portanto, é um primeiro passo para fomentar discussões na área da comunicação acessível e, por ser uma TV bilíngue pioneira no Brasil, faz-se necessário promover outros estudos sobre a TV Ines, a fim de disseminar exemplos que contribuam para a promoção da Língua Brasileira de Sinais, bem como da cultura surda. No entanto, com esta análise, já é possível considerar a TV Ines como uma ferramenta importante de promoção linguística e cultural para a comunidade surda no Brasil. Ela é um exemplo de como as mídias evoluem, incorporam elementos e podem existir para transformar. Durante a pesquisa, de forma pessoal, foi possível observar a mudança de vida que provoca a TV Ines na sociedade. Os surdos que nela atuam sensibilizaram ouvintes para que aprendessem a língua e que pensassem como o conteúdo poderia melhorar, bem como a relação entre surdos e ouvintes nas equipes. Isso mostra que antes de profissionais, os atores desse processo de comunicação são seres humanos. E de que, como seres humanos, somos capazes de reinventar e produzir

saberes, além de nos sensibilizarmos com cotidianos melhores e com um mundo acessível de ser compartilhado, trocando experiências, línguas e culturas.

Referências bibliográficas

AMARAL, Neusa Maria. Televisão e Telejornalismo: modelos virtuais. Trabalho apresentado em **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, em Santos, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

ARAÚJO. V. L. S. **O processo de legendagem no Brasil**. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9143/6497>>. Acesso em: 15 jun 2017.

BARBERO, Jesús-Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 1997.

BRASIL, Antonio C. **Por uma história do telejornalismo na Internet – Dez anos da TV UERJ online**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8oencontro-2011-1/artigos/Por%20uma%20historia%20do%20telejornalismo%20na%20internet%202013%20dez%20anos%20da%20TV%20UERJ%20Online.pdf/view>> Acesso em 20 nov 2017.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras**, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 15 jun 2017.

_____. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, 2000**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm> Acesso em: 15 jun 2017.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm> Acesso em: 15 jun 2017.

_____. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm> Acesso em: 15 jun 2017.

CAMPOS, Débora Wanderley; STUMPF, Marianne Rossi. Cultura surda: um patrimônio em contínua evolução. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (Orgs.). **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba: CRV, 2012. p. 177-185.

ELLSWORTH, E. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema. In: SILVA, T. T. (org). **Nunca fomos humanos: metamorfoses da subjetividade contemporânea**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FISCHER, Rosa M. Bueno. **Televisão e educação: Fruir e pensar a TV**. 3.ed. Belo Horizonte: AUTÊNTICA, 2006.

_____. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v.22, n.2, jul./dez. 1997, p. 59-79.

GAMBARO, D.; FERREIRA, G. S. N. **Introdução à TV: caderno de estudos**. Material Didático. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2012.

GOMES, Itania Maria Mota et alii. Quem o Jornal do SBT pensa que somos? Modos de endereçamento no telejornalismo show. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, no. 25, p. 85-98, dezembro de 2004.

_____. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista E-compos**, n.8, abr. 2007.

GUESSER, Audrei. **Libras?: Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLCOMB, Thomas. K. Compartilhamento de informações: um valor cultural universal dos surdos. In: KARNOPP, Lodenir Becker, KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011, p.139-149.

JENKINS, Henry. **Convergence Culture - Where Old and New Media Collide**. New York: New York University Press, 2006.

_____. **Cultura de Convergência**, 2ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNG, Ana Paula. **Movimentos sociais no protagonismo político: a comunidade surda brasileira e sua luta por reconhecimento e efetivação de direitos**. Disponível em: <<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=19&idart=147/>> Acesso em: 5 maio 2018.

KILPP, Suzana. **Para entender o que são web TVs: primeiras buscas**. Intercom – RBCC. São Paulo, v.39, n.2, p.49-63, maio/ago. 2016. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2434/1979/>> Acesso em: 11 jun 2017.

LIMA, Ana Carolina da Costa. **Do telejornalismo ao webtelejornalismo: a convergência midiática no jornalismo da TV**. Disponível em: <<http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor7/files/2016/08/anacarolina.pdf/>> Acesso em: 20 nov 2017.

MADEIRA, Diogo Souza. **Memórias linguísticas de Jorge Sérgio Lopes Guimarães**. 2015. 87f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Diogo-Souza-Madeira.pdf/>> Acesso em: 20 nov 2017.

MAIA, Jussara Peixoto. **Do telejornal ao programa jornalístico temático: Jornal Nacional e Globo Rural – uma relação de gênero e de modo de endereçamento**. 2005. 227 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

MATIAS, Nilza Eline Munguba. **Ativismo e protagonismo social na busca da efetivação dos direitos dos surdos** - a eficácia da legislação brasileira na garantia dos direitos dos surdos. 2014. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/30488/ativismo-e-protagonismo-social-na-busca-da-efetivacao-dos-direitos-dos-surdos/>> Acesso em: 5 maio 2018.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PERLIN, Gladis T. T. Identidade Surda. In Skliar, C. (org.). **A Surdez: um Olhar Sobre as Diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998, pp. 51-72.

PINHEIRO, Daiane. Produções surdas no YouTube: consumindo a cultura. In.: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Org.). **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>> Acesso em: 15 jun 2017.

_____; SUTTON-SPENCE, Raquel. Poesia em língua de sinais: traços identidade surda. In: QUADROS, Ronice Müller de (org). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006, p. 110-165. Também disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/ParteA.pdf>> Acesso em: 20 nov 2017.

RÁDIO YANDÊ. Disponível em: <<http://radioyande.com/>> Acesso em: 27 jun 2017.

SÁ, N. R. L. de. **Cultura, poder e educação de surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SILVA, Tomaz. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Yéssica Lopes da Silva. **A recepção do Jornal do Almoço pelos surdos em Pelotas-RS [manuscrito]**. Pelotas: UCPEL, 2011. Trabalho de conclusão de curso.

SOUZA, Saulo Xavier de. **Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras**. Florianópolis: UFSC, 2010. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94642/285173.pdf?sequence=1>> Acesso em: 23 jun 2017.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público:** uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.